

7

Referências bibliográficas

ACHKAR, Dalal El (2003) **Pedagogia da afetividade – uma construção teórico-prática de processos educativos baseados no afeto**. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina. Disponível em: <http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/12234.pdf>. Acesso em 06.02.05.

ADLER, P. e ADLER, P. (1998) Observational Techniques. In DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (eds) **Collecting and Interpreting Qualitative Materials**. Thousand Oaks: Sage Publications.

AGAR, M. (1996) **The professional stranger: an informal introduction to ethnography**. USA: Academic Press.

ALVES, F. (2000) Um modelo didático do processo tradutório: a integração de estratégias de tradução. In ALVES, F.; Magalhães, C.; Pagano, A. **Traduzir com autonomia. Estratégias para ao tradutor em formação**. São Paulo: Contexto.

ALLWRIGHT, D. (1988) **Observation in the language classroom**. Applied linguistics and language study. London: Longman.

_____ (1990) **Autonomy in language pedagogy**. Rio de Janeiro, Brasil. Mimeografado.

_____ (1998) **Learning (and Teaching) as well as you know how: Why is it so very difficult?** Lancaster: Lancaster University, Inglaterra. Mimeografado.

_____ (2000) **Exploratory Practice: An ‘appropriate methodology’ for language teacher development?** 8th IALS Symposium for Language Teacher Educators, Edimburgh, Scotland, “Politics, Policy and Culture in Language Teacher Education”. Mimeografado.

_____ (2001) Three major processes of teacher development and the Appropriate Design Criteria for Developing and Using Them. In JOHNSTON, B. e IRUJO, S. (eds) **Research and Practice in Language Teacher Education: Voices from the Field**. Selected Papers from the First International Conference on Language Teacher Education. Minneapolis, Minnesota: University of Minnesota.

_____ (2001a) **Basic Principles for Exploratory Practice**. Lancaster University. England. Data de publicação: março de 2001. Disponível em: <http://www.ling.lancs.ac.uk/groups/crile/epcentre>.

_____ (2002a) Bringing Classroom Language Learning to Life. In **Pesquisas em discurso pedagógico. Vivenciando a Escola**.

Volume 1, Projeto IPEL Escola, novembro 2002. Publicação do IPEL – Instituto de Pesquisa e Ensino de Línguas da PUC-Rio, pp. 37-67.

_____ (2002b) **Words fail me**. Mimeografado.

_____ (2002c) **Principles of and for Exploratory Practice**.

Data: 16 de outubro. Mimeografado.

_____ (2002d) **Arguments for practitioner research as an integral part of practice**. Mimeografado.

_____ (2003a) Planning for understanding: A new approach to the problem of method. In **Pesquisas em discurso pedagógico. Vivenciando a Escola**. Volume 2(1), Projeto IPEL Escola. Publicação do IPEL – Instituto de Pesquisa e Ensino de Línguas da PUC-Rio, pp. 7-24.

_____ (2003b) A brief guide to 'Exploratory Practice: rethinking practitioner research in language teaching'. In JOHNSON, K. **Language Teaching Research**, vol. 7, number 2, may, 2003.

_____ (2003c) **From 'teaching points' to 'learning opportunities', and beyond**. Ensaio escrito especialmente para o curso Issue in Language Learning and Teaching Course, ministrado pelo autor na PUC-Rio em junho de 2003. Mimeografado.

_____ (2004) **Developing Principles for Practitioner Research: The Case of Exploratory Practice**. AAAL Colloquium, Portland, Oregon, USA, May. Mimeografado.

_____ (2004a) **Innovation: Going beyond 'success'**. Trabalho apresentado no RELC Seminar, Singapore, April, 2004. Mimeografado.

_____ (2006) Six Promising Directions in Applied Linguistics. In GIEVE, S. e MILLER, I. K. (eds) **Understanding the Language Classroom**. Hampshire, UK: Palgrave Macmillan.

ALLWRIGHT, D. e BAILEY, K. (1991) **Focus on the language classroom**. Cambridge: Cambridge University Press.

ALLWRIGHT, D. e MILLER, I. (2001) **Bringing Work 'to Life': Exploratory Practice for the Language Classroom**". Disponível em: <http://www.ling.lanacs.ac.uk/groups/crile/epcentre>.

AMORIM, M (2001) **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora.

_____ (2002) **Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas**. Cadernos de Pesquisa, n. 116, p. 7-19, julho/2002.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14396.pdf>. Acesso em 13.11.2004.

ANDRÉ, M. e DORSIE, M. (1999) Novas práticas de avaliação escrita do diário: atendimentos às diferenças. In ANDRÉ, M. (org.) **Pedagogia das diferenças em sala de aula**. Campinas: Papirus.

ANTUNES, C. (2003) **Relações interpessoais e auto-estima**. A sala de aula como um espaço do crescimento integral. Fascículo 16. Petrópolis, RJ: Vozes.

ARAÚJO, P. (2000) **Estudo das estratégias comunicativas de cooperação de uma tradutora experiente através da análise de relatos verbais**. Dissertação de mestrado, UFRJ. Mimeografado.

ARAÚJO, U. (1999) Prefácio. In MONTSERRAT Moreno et al. Coordenação de Ulisses F. Araújo. **Falemos de sentimentos: a afetividade como um tema transversal**. Trad. por Maria Cristina de Oliveira. São Paulo: Moderna.

ARNOLD, J. & BROWN, D. (1999) A map of terrain. In ARNOLD, J. (ed.) **Affect in language learning**. Cambridge: Cambridge University Press, pp 1-24.

AUTHIER-REVUZ, J. (1982) **Hétérogénéité montréalaise et Hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours**. DRLAV 26, Centre de Recherches de l'Université de Paris VIII.

AVZARADEL, J. (2004) **Pais em crise**. Artigo publicado no *O Globo*, em 20 de junho de 2004. Caderno Jornal da Família.

BACHA, M. (1998) **Psicanálise e Educação. Laços refeitos**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

BAYLE, K. (1995) Competitiveness and Anxiety in Adult Second Language Learning. Looking at and Through the Dairy Studies. In BROWN, D. e GONZO, S. (eds) **Reading on Second Language Acquisition**. Englewood Cliffs, New Jersey. Prentice Hall Regents, p. 163-205.

BAILEY, K. e OCHSNER, R. (1981) A methodological review of the diary studies: windmill tilting or social science? In S. KRASHEN e R. SCARCELLA (eds.) **Issues in Second Language Acquisition**. Massachusetts: Newbury House Publishers.

BAKHTIN, M. (2001) **O freudismo. Um esboço crítico**. Trad. por Paulo Bezerra. São Paulo: editora Perspectiva S.A.

_____(2002) **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec.

_____ (2003) **Estética da criação verbal**. Trad. por Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.

BARROS, D. (1996) Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In FARACO, C. et al. **Diálogos com Bakhtin**. Paraná: Ed. Da UFPR.

BATALHA, G. N. (1991) **Bom dia, s'tora!: diário duma professora em Macau**. Macau: Instituto Cultural de Macau.

BAUMAN, Z. (2004) **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Traduzido por: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

BERGER, P. (1980) Para uma compreensão sociológica da Psicanálise. In FIGUEIRA, S. (org.) **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

BETTELHEIM, B. **Freud e a alma humana**. São Paulo: Cultrix, 1982.

BIRMAN, J. (1996) **Por uma estilística da existência**. São Paulo: Editora 34.

_____ (1997) **Estilo e modernidade em Psicanálise**. São Paulo: Editora 34.

_____ (1998) A gramática do amor pelas suas estórias. In **Cadernos de Psicanálise/Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro**-ano, n.1 (1982). Rio de Janeiro: SPCRJ-1998-08-21.

BRAGA, W. (2002) **Qualidade de vida na sala de aula**. Trabalho apresentado no 14 Congresso de Leitura do Brasil. Campinas, Unicamp. Disponível em:

<http://www.ling.lanacs.ac.uk/groups/crile/epcentre/eprecent/cole2003bebel.htm>.

Acesso em 4 dezembro de 2004.

BRAIT, B. e MELO, R. (2005) Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: conceitos- chaves**. São Paulo: Contexto.

_____ (2001) Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In BRAIT, B. (org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

CASTEL, P. (1997) Amor. In **Dicionário de psicanálise: Freud & Lacan, 1**. Traduzido por: Leda Mariza Fischer Bernardino... et al. Salvador, BA: Ágalma.

CAVALCANTI, R. (2002) A Psicanálise no divã. In Revista **Superinteressante**, edição 181, outubro de 2002, pp. 43-50.

CEREJA, W. (2005) Significação e tema. In BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, pp.201-20.

CERISARA, A. B. (2004) **Educador: em busca do sujeito**. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/anabea.html>. Acesso em 7/3/2004.

CHALITA, G. (2003) **Educar é um ato de coragem e afeto**. Disponível em: <http://www.fernandoallende.com.br/artigo/defaultartigo.asp?CodAut=30>. Acesso em 7/3/2004.

CIFALI, M. & IMBERT, F. (1999) **Freud e a pedagogia**. Trad. Maria Stela Gonçalves e Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Edições Loyola.

CHIZZOTTI, A. (2000) **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez.

CLARK, K. e HOLQUIST, M. (1998) **Mikhail Bakhtin**. Tradução por: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva.

CONNELLY e CLANDININ (1998) Personal Experience Methods. In DEZIN e LINCOLN (eds.) **Collecting and Interpreting Qualitative Materials**. Thousand Oaks: Sage Publications.

CORRÊA, J. (2002) Novas tecnologias da informação e da comunicação; novas estratégias de ensino/aprendizagem. In COSCARELLI, C. (org.) **Novas estratégias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica.

COUTINHO JORGE, M. e FERREIRA N. P. (2005) **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

COUTO, M. (2003) **Psicanálise e Educação**. A Sedução e a Tarefa de educar. São Paulo: Avercamp.

CRUXÊN, O. (2004) **A sublimação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

CRUZ, C. M. e JOUET-PASTRÉ, C. (2000) "Discurso e subjetividade na aquisição de línguas estrangeiras". In LEITE, N. V. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, 38. A singularidade como questão. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/Instituto de Estudos da Linguagem.

CURY, C. R. (1998) Orelhas em LOPES, E. M. T. (org.) **A Psicanálise escuta a educação**. Belo Horizonte: Autêntica.

CUNHA, M.I. (2003) **A Prática Exploratória na clínica de aprendizagem de língua inglesa**. Trabalho apresentado no 14 Congresso de Leitura do Brasil. Campinas, Unicamp. Disponível em:

<http://www.ling.lanacs.ac.uk/groups/crile/epcentre/eprecent/cole2003bebel.htm>.

Acesso em 4 dezembro de 2004.

DAVIS, B. P. (2005) **Como entender o inglês falado**. Rio de Janeiro: Elsevier.

DEMO, P. (2001) **Saber pensar**. São Paulo: Cortéz Editora.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (eds) (1998) **Collecting and Interpreting Qualitative Materials**. Thousand Oaks: Sage Publications.

DOR, J. (1992) **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Tradução por: Carlos Eduardo Reis. Supervisão da tradução por: Cláudia Corbisier. Porto Alegre: Artes, Médicas.

DORON, R. & PAROT, F. (1998) **Dicionário de Psicologia**, Tradução: Odilon Soares Leme. São Paulo: Editora Ática

EDGE e RICHARDS (1998) May I see your warrant, please?: Justifying outcomes in qualitative research. In **Applied Linguistics**, 19, 3:334-356.

ELIA, L. (2004) **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

EMERSON, C. (1986) The Outer Word and Inner Speech: Bakhtin, Vygotsky, and the Internalization of Language. In MORSON, S. G. (ed.) **Bakhtin: Essays & Dialogues on His Work**. Chicago: UP.

FARACO, C. et al. (1998) **Uma introdução a Bakhtin**. Curitiba, Hucitec.

_____ (2003) **Linguagem e diálogo**: as ideais de lingüísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições.

_____ (2005) Autor e autoria. In BRAIT, B (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto.

FERREIRA, T. (1998) "Freud e o ato do ensino". In TEIXEIRA LOPES, E. M. (org.) **A psicanálise escuta a educação**. Belo Horizonte: Autêntica.

FERRARI, M. (2004) O teórico que incorporou o afeto à pedagógica. In Revista **Escola**. Seção: Grandes Pensadores. J. H. Pestalozzi, v. 13, pp.

FILLOUX, J. C. (2002) **Psicanálise e educação**. MORKREJ, E. (org.) Traduzido por: Patrick Wilhaume. São Paulo: Expressão e Arte Editora.

FLORES, V. e TEIXEIRA, M (2005) **Introdução à Lingüística da Enunciação**. São Paulo: Contexto.

FREIRE, M. (2003) O papel do afeto na sala de aula. In **Pesquisas em discurso pedagógico**. Vivenciando a Escola. Volume 2(1), Projeto IPEL Escola. Publicação do IPEL – Instituto de Pesquisa e Ensino de Línguas da PUC-Rio, pp. 108-113.

FREITAG, B. (1988) **Diário de uma alfabetizadora**. Campinas: Papirus.

FREITAS, A. (1998) Entre o amor e o desejo, a transferência. In **Transferência e interpretação**. Revista Tempo Psicanalítico, Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle. Rio de Janeiro: SPID, v. 30, pp.7-21.

FREITAS LOPES, M. M. (1997) **Conceito de amor em Psicanálise**. São Paulo: Hacker Editores.

FREITAS, M. T. (1996) Bakhtin e a Psicologia. In FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (orgs). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR, pp. 165-87.

_____ (1998) **Narrativas de professores**. Rio de Janeiro: Coleção da Escola de Professores.

_____ (2000) **Vygotsky & Bakhtin**. Psicologia e Educação: um intertexto. São Paulo: Editora Ática.

FREUD, S. ([1886] 1996) **Publicações pré-psicanalíticas e rascunhos não publicados**. Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, edição eletrônica, v. I.

_____ ([1886-1889] 1996) **Projeto de uma Psicologia**. Trad. por Osmyr Faria Gabbi Junior. Rio de Janeiro: Imago.

_____ ([1891] 1977) **A interpretação das afasias**. Um estudo crítico. Tradução por: António Pinto Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.

_____ ([1900-1901] 1996) **A interpretação dos sonhos (segunda parte) e Sobre os sonhos**. Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, edição eletrônica, vol. VI.

_____ ([1905] 1996) **Um caso de histeria. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos**. Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, edição eletrônica, vol. VII.

_____ ([1910] 1996) **Cinco lições em Psicanálise**. Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, edição eletrônica, v. XI.

_____ ([1910] 1996) **Psicanálise Silvestre**. Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. XI.

_____ ([1912] 1996) **Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor.** (Contribuições à psicologia do amor II)". Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. XI.

_____ ([1912-1913] 1996) **O caso Schreber, Artigos sobre técnica e Outros trabalhos.** Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. XII.

_____ ([1913] 1996) Introdução a The psycho-analytic method, de Pfister. In **O caso de Schreber. Artigos sobre a técnica e Outros trabalhos.** Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. XII.

_____ ([1914] 1996) **Totem e tabu e Outros trabalhos.** Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, edição eletrônica, v. XIII.

_____ ([1914] 1996) **Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar.** Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, edição eletrônica, v. XIII

_____ ([1915] 1996) **A desilusão da guerra.** Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, edição eletrônica, v. XIV

_____ ([1916] 1996) **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos.** Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, edição eletrônica, vol. XIV.

_____ ([1915 - 1916] 1996) **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise** (Parte I e II). Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. XV.

_____ ([1917a] 1996) Uma dificuldade no caminho da Psicanálise. In **História de um neurose infantil e outros trabalhos.** Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. XVII.

_____ ([1917] 1996) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In **História de um neurose infantil e outros trabalhos.** Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, edição eletrônica, v. XVII.

_____ ([1917] 1996) A história de uma neurose infantil. In **História de um neurose infantil e outros trabalhos.** Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, edição eletrônica, v. XVII.

_____ ([1922] 1996) Alguns mecanismos neuróticos do ciúme. In **Ego e o Id e Outros trabalhos.** Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. XVIII.

_____ ([1923] 1996) Dois verbetes de enciclopédia. In **Além do princípio do prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos**. Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. XVIII.

_____ ([1923] 2001) Psicanálise. Dois verbetes de enciclopédia. In **Além do Princípio do Prazer, Psicologia de grupo e Outros trabalhos**. Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, edição eletrônica, v. XVIII.

_____ ([1924] 2001) Um breve relato da psicanálise. In **Ego e o Id e Outros trabalhos**. Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, edição eletrônica, v. XIX.

_____ ([1925] 1996) Prefácio a *juventude desorientada*, de Aichhorn. In **Ego e o Id e Outros trabalhos**. Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. XVIII.

_____ ([1925-26] 1996) **Além do princípio do prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos**. Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. XVIII.

_____ ([1926] 1996) **Um estudo autobiográfico, Inibições, Sintomas e Angústia, a Análise Leiga e Outros trabalhos**. Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, edição eletrônica, v. XX.

_____ ([1927] 1996) O futuro de uma ilusão. In **O futuro de uma ilusão, o Mal-estar da civilização e Outros trabalhos**. Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, edição eletrônica, v. XXI.

_____ ([1930] 1996) O mal-estar da civilização. In **O futuro de uma ilusão, o Mal-estar da civilização e Outros trabalhos**. Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, edição eletrônica, v. XXI.

_____ ([1932-36] 1996) **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos**. Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. XXII.

_____ (1933 [1932] 1996) “Conferência XXXIV: Explicações, Aplicações e Orientações”. In **Novas conferências introdutórias à psicanálise**. Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. XXII.

_____ (1933 [1932] 1996) Conferência XXXV: A questão de uma Weltauschaung. In **Novas conferências introdutórias à psicanálise**. Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. XXII.

FROTA, M. P. (1999) Por uma Redefinição de *Subjetividade* nos Estudos da Tradução. In MARTINS, M.A.P. (org.) **Tradução e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Lucerna.

FUKS, B. (2003) **Freud e a cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

GARCIA, C. (1998) Psicanálise e Educação. In LOPES, E. M. T. (org.) **A Psicanálise escuta a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, pp. 11-33..

GAY, P. (1989) **Freud para historiadores**. Trad. Osmyr Faria Gabbi Júnior. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GILLES, D. e GUATARRI, F. (1972) **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Traduzido por: Georges Lamaziere. Rio de Janeiro: Imago.

GIEVE, S. e MILLER, I. (2006). What Do We Mean By 'Quality of Classroom Life?' In GIEVE, S. e MILLER, I. (eds) **Understanding the language classroom**. Hampshire. Reino Unido: Plagrove Macmillan (no prelo). Mimeografado.

GUBA, E. G. e LINCOLN, Y. (1994) Competing paradigms in qualitative research. In **Handbook of qualitative research**. DENZIN, N.K. e LINCOLN, Y. (eds). Thousand Oaks: SAGE publications, pp. 105-117.

HAMMERSLEY, M. e ATKINSON, P. (1983) **Ethnography: Principles in Practice**. London and New York: Routledge.

HODDER (1998) The Interpretation of Documents and Material Culture. In DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (eds) **Collecting and Interpreting Qualitative Materials**. Thousand Oaks: Sage Pulications.

JAPIASSU, H. (1978) **Nascimento e morte das ciências humanas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

_____ (1999) **As paixões da ciência. Estudos de História das Ciências**. São Paulo: Letras & Letras Ltda.

JOBIM E SOUZA, S. (2003) **Infância e Linguagem. Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas, SP:Papirus.

KAUFMANN, P. (org.) (1996) **Dicionário enciclopédico de psicanálise – O legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

KERN, R. (2000) Communication, Literacy, and Language Learning. In **Literacy and Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, pp. 43-66.

KLUMB, I. (1997) **Diário de um professor de filosofia**. Rio de Janeiro: Uapê.

KRAMER, S. (2002) **Por entre as pedras**. Arma e sonho na escola. São Paulo: Ática.

KUPFER, M. C. (2001) **Educação para o futuro**. Psicanálise e educação. São Paulo: Escuta.

_____ (1992) **Freud e a educação - o mestre do impossível**. São Paulo, SP: Scipione. Artigo na Internet. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>.

_____ (1990) **Desejo de saber**. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da USP, São Paulo.

_____ (1982) **Relação professor-aluno: uma leitura psicanalítica**. Tese de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da USP, São Paulo.

KUPERMANN, D. (2003) **Por uma outra sensibilidade clínica: fale com ela, doutor!** Trabalho apresentando no Segundo Encontro Mundial. Estados Gerais da Psicanálise. Rio de Janeiro.

_____ (2001) **Do humor e do grotesco na Psicanálise**. Ensaio apresentado no VI Fórum Brasileiro de Psicanálise, São Leopoldo/RS). Mimeografado.

_____ (1996) **Transferências cruzadas. Uma história da Psicanálise e suas Instituições**. Rio de Janeiro: Revan.

KUSCHNIR, A. (2003) **Teacher, posso te contar uma coisa?** A conversa periférica e a sócio-construção do conhecimento na sala de aula de língua estrangeira. Dissertação de mestrado do Depto de Letras da PUC-Rio. Mimeografado.

LACAN, J. (1983) **O seminário livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Tradução por: Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.

_____ (1985) **O Seminário livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

_____ (1988) **O Seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Tradução por: M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.

_____ (1991) **O Seminário livro 7: a ética da psicanálise**. Tradução por: Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.

_____ (1992) **O avesso da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

_____ (1992a) **O Seminário, livro 8: a transferência 1960-1961.** Tradução por: Dulce Duque Estrada. Revisão de Romildo do Rêgo Barros. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

_____ (1993) **O Seminário livro 20: mais, ainda.** Rio de Janeiro: Zahar Editores.

_____ (1998) **Escritos.** Tradução por: Vera Ribeiro. Revisão técnica: Antonio Quinet e Angelina Harari. Rio de Janeiro: Zahar Editor.

LAGACHE, D. (1990) **A transferência.** Tradução por: Álvaro Cabral. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

LAJONQUIÈRE, L. (2000) **De Piaget a Freud.** A (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

LAPLANCHE, J. e PONTALI, J.-B. (1970) **Vocabulário da Psicanálise.** Tradução: Pedro Tamen. Santos, Martins Fontes.

LOPES, E. M. (1998) **A psicanálise escuta a educação.** Belo Horizonte:Autêntica.

LOEWENBERG, P. (2000) **Freud as a cultural subversive.** Trabalho apresentado no Seminário Les Etats Généraux de la Psychanalyse. Paris: La Sorbone, 8 a 11/07/2000. Mimeografado.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. (1986) **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo:EPU.

MANACORDA, M. ([1989] 2004) **História da Educação.** Tradução por: Gaetano Lo Monaco. São Paulo: Cortez.

MANNONI, M. (1977) **Educação impossível.** Rio de Janeiro: Francisco Alves.

_____ (1989) **Da paixão do ser à “loucura” de saber.** *Freud, os anglo-saxões e Lacan.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

MARCONDES FILHO, D. (2002) **Filosofia: Prática e Reflexão.** Palestra proferida na Jornada “Qualidade de vida na sala de aula” em 8 de novembro de 2002, PUC-Rio.

_____ (2000) **Iniciação à história da filosofia.** Dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro:Jorge Zahar Editor.

MARTINS, V. (2002) **A pedagogia do amor.** Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=278>. Acesso em 12 de dezembro de 2004.

MASSON, J. (1986) **A correspondência completa de S. Freud com Wilhelm Fliess, 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago.

MAZZILLO, T. (2000) **O diário como espaço de reconstrução da identidade profissional: um estudo de caso**. Dissertação de mestrado em Lingüística Aplicada, UFRJ. Mimeografado.

MENDONÇA FILHO, J. B. de (1998) Ensinar: do mal-entendido ao inesperado da transmissão. In TEIXEIRA LOPES, E. M. (org.) **A psicanálise escuta a educação**. Belo Horizonte:Autêntica.

MEZAN, R. (1978) Pode-se ensinar psicanaliticamente a Psicanálise?. In **A Vingança da Esfinge. Ensaios de Psicanálise**. São Paulo: Brasiliense.

_____ (1998) A sombra de Don Juan:a sedução como mentira e como iniciação. In RIBEIRO, R. J. (org.) **A sedução e suas máscaras**. São Paulo: Cia das Letras.

_____ (1994) Orelha. Em SILVA, M. **A paixão de forma: da Psicanálise à Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas.

MILLER, I. (2001) **Researching teacher consultancy via Exploratory Practice: a reflexive and socio-interactional approach**. Tese de doutorado, Universidade de Lancaster.

_____ (2003) **A Prática Exploratória no horizonte social da vida em sala de aula: uma perspectiva bakhtiniana**. Handout distribuído na palestra ministrada pela professora na Semana de Estudos Anglo-Germânicos. UFRJ, 6 de novembro de 2003.

MILLOT, C. (2001) **Freud antipedagogo**. Trad. Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

MOITA LOPES, L. (1994) Pesquisa interpretativa em lingüística aplicada: a linguagem como condição e solução. In: **D.E.L.T.A.** São Paulo: PUC/EDUC, v. 10, n. 2, 329-38.

MORAES E SOUZA, C. M. (2002) **A afetividade na formação da auto-estima do aluno**. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia do Centro de Ciências Humanas e Educação da UNAMA. Belém, Pará. Disponível em: http://www.nead.unama.br/bibliotecavirtual/monografias/a_afetividade_na_formacao_da_auto.pdf. Acesso em 06.02.05.

MORKREJ, E. (org.) (2002) **Psicanálise e educação**. Traduzido por: Patrick Wilhaume. São Paulo: Expressão e Arte Editora.

MONZANI, L. R. (1989) **Freud. O movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da UNICAMP.

MORALES, P. (2001) **A relação professor-aluno**. O que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola.

MORGADO, M. P. (2002) **Da sedução na relação pedagógica**. Professor-aluno no embate com afetos inconscientes. São Paulo: Summus.

MRECH, L. (2003) **Psicanálise e educação**. Novos operadores de leitura. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

_____ (1997) **Um sintoma na cultura: a falência da transmissão na relação professor-aluno**. Trabalho apresentado no VII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano – As novas formas do sintoma – clínica – ciência – sociedade. São Paulo, 18 a 20 de abril de 1997. Mimeografado.

MORGADO, M. (2002) **Da sedução na relação pedagógica**. São Paulo: Summus.

MURANO, D. (2005) Histeria, já! Resenha do livro de Antonio Quinet **A lição de Charcot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, publicada no Caderno *Idéias do Jornal do Brasil*, 15 de julho de 2005.

NASIO, J. (1993) **Os 7 conceitos cruciais em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

NÓVOA, A (org.) (1992) **Vida de professores**, Porto: Porto Ed.

NUNAM, (1990) Action Research in the Language Classroom. In RICHARDS e NUNAM, D. (orgs). **Second Language Teacher Education**, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 62-81.

OLIVEIRA, L. (2002) Teorizar a partir da prática do professor: Um desafio no ensino de inglês. In **Pesquisas em discurso pedagógico**. Vivenciando a Escola. Volume 1, Projeto IPEL Escola, novembro 2002. Publicação do IPEL – Instituto de Pesquisa e Ensino de Línguas da PUC-Rio, pp. 3-11.

OUTEIRAL, J. e CEREZER, C. (2003) **O mal-estar na escola**. Rio de Janeiro: Revinter.

_____ (1998) **The Courage to Teach. Exploring the Inner Landscape of a Teacher's Life**. São Francisco: Jossey-Bass Publishers.

PAULILLO, R. (2004) **As modalizações do dizer no discurso de si**. Disponível em: <http://lael.pucsp.br/intercambio/06paulillo.ps.pdf>. Acesso em 17.07.2004.

PEREIRA DA SILVA, M. C. (1994) **A paixão de formar: da psicanálise à educação**. Porto Alegre: Artes Médicas.

PERSON, E. (1999) Amor de transferência e amor romântico. In **Amor**. Revista Tempo Psicanalítico: Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, v. 31. Rio de Janeiro.

PLATÃO (2002) **O Banquete**, ou, Do amor Trad. por J. Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: Difel.

PRABHU, N. (1992). **The dynamics of the language classroom**. In *TESOL Quarterly*, 26, pp. 226-41.

RAJAGOPALAN, K. (2003) **Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editora.

RAJAGOPALAN, K. e ARROJO, R. (1992) A crise da metalinguagem: uma perspectiva interdisciplinar. In ARROJO, R. (org.) **O signo desconstruído**. Implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas, SP: Pontes, pp. 57-62.

ROUDINESCO, E. (2000) **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____ (1994) **Jacques Lacan**. Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Cia das Letras.

ROUGEMOUNT, D. (2003) **A história do amor no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A.

SALIÉS, T. (2002) O poder das práticas pedagógicas: o que dizem as estratégias de aprendizagem?. In **Pesquisas em discurso pedagógico**. Vivenciando a Escola. Volume 1, Projeto IPEL Escola, novembro 2002. Publicação do IPEL – Instituto de Pesquisa e Ensino de Línguas da PUC-Rio, pp.12-25.

SENATORE, R. C. Site da Faculdade de Educação São Luís (São Vicente, São Paulo). Disponível em: www.saoluis.br/saoluis/htm/pedagogia/docentes_magisterio.asp. Acesso em dezembro de 2003.

SHUMMANN, F. E SHUMANN, J. (1997) Diary of a language learner: An introspective study of second language learning. In BROWN, H., CRYMES e YORIO, C. (eds). **Teaching and Learning: Trends in research and practice**. Washington D.C.: TESOL.

SILVA, M. (1994) **A paixão de formar. Da psicanálise à educação**. Porto Alegre: Artes Médicas.

SOARES MIRANDA, C. (2004) **A bela é a fera: o discurso sobre a mulher nos editoriais da Revista Nova nas perspectivas da heterogeneidade discursiva e da psicanálise**. Disponível em: <http://www.ufop.br/ichs/conifes/anais/LCA/clca01.htm>. Acesso em 17.07.2004.

SOBRAL, A. (2003) **A impossibilidade de realização do sentido: elementos sobre as tensões discurso-neurose e outro-outro**. Publicado em: Intercâmbio, vol. XII, São Paulo: LAEL/PUC-SP, pp. 321-6. Disponível em: <http://www.litterati.net>. Acesso em 17.07.2004.

_____ (2005) **Ato/atividade e evento**. Em BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: coneito-chaves*. São Paulo: Contexto.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE. Disponível em: <http://www.alternex.com.br/~sbprj>.

SOUZA, P. (1999) **As palavras de Freud**. São Paulo: Editora Ática.

SOUZA, P. et. al. (2000) O que é uma pergunta? Diálogos entre a psicanálise e a lingüística de Austin e Searle. In **Linguagem & Ensino**, v. 3, nº 2, pp. 29-47.

SOLER, C. (1996) Transference. In FINK, B. (org.) **Reading Seminars I and II. Lacan's Return to Freud**. Albany: State University of New York.

SPITALNIK, M. (1996) **A sinalização do afeto em sala de aula**. Dissertação de mestrado, UFRJ. Mimeografado.

STAM, R. (1992) **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa**. Traduzido por: Heloísa Jahn. São Paulo: Ática.

STEIER, F. (ed.) (1995) **Research and reflexivity**. London: SAGE Publications Ltd.

STEINER, G. (2005) **Lições de mestres**. Tradução por: Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Record.

STELLA, P. R. (2005) Palavra. In BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, pp. 177-190.

STEVICK, E. W. (1976) **Memory, Meaning, and Method**. Rowley, Mas., Newbury House.

SIBONY, D. (1991) **Sedução – o amor inconsciente**. Trad. por Vera Ribeiro. São Paulo: Ed. Brasiliense.

TADEU DA SILVA, T. (1993) Sociologia da educação e pedagogia crítica. In TADEU DA SILVA, T. (org.) **Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos**. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____ (2000) **Teoria cultura e educação.** *Um vocabulário crítico.* Belo Horizonte: Autêntica.

THIOLLET, M. (1996) **Metodologia da Pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez.

VAN MANEN, M. (1990) **Researching Lived Experience.** Human Science for an Action Sensitive Pedagogy. Londres: The University of Western Ontario.

_____ (1991) **The Tact of Teaching.** The Meaning of Pedagogical Thoughtfulness. Albany: State University of New York Press.

VERDIGLIONE, A. (1977) **A interpretação das afasias.** *Um estudo crítico,* de Sigmund Freud. Tradução de António Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70.

ZABALZA, M. (1994) **Diários de aula.** Contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores. Porto: Porto Editora, Lda.

ANEXOS

Relato da vida em sala de aula

03/02/03 **Planejamento:** Conhecer os alunos. Apresentar-me e pedir que se apresentem. Tentar avaliar o quanto já aprenderam.

Presentes: Paulo César, Ronaldo, Wanda, Walter e Carla.

Eu estava muito tensa. Foi-me dito pela coordenadora do curso que essa turma era muito unida e que gostava muito da ex-professora, que teve de deixá-los ao casar e mudar de cidade. Tive contato com ela por telefone e ela se mostrou preocupada com eles, dizendo que eram pessoas humildes, mas muito bacanas, unidos, carinhosos e alegres. A ex-professora me informou também que eles tinham muita dificuldade com o idioma estrangeiro.

Eu já havia sentido na fala da coordenadora do projeto essas mesmas preocupações com a minha percepção “correta” da transmissão do perfil dos alunos. Sempre que me falava sobre a saída da ex-professora e o que se esperava da próxima, a coordenadora expressava o desejo de que a substituta fosse uma pessoa sensível, afetuosa e respeitosa. Em suas próprias palavras, “quase uma mãe, porque a turma era muito carinhosa”, ou seja, “muito carinhosos e precisavam de muita atenção por terem muita dificuldade em aprender inglês”.

Quando fui escolhida para assumir esse lugar, me senti lisonjeada e, ao mesmo tempo, muito apreensiva. Estaria à altura das expectativas da coordenação e da própria turma? Seria capaz de substituir uma professora tão competente e ao mesmo tempo conquistá-los? Fiquei preocupada, mas aceitei o desafio. Acreditava possuir as características necessárias e explicitadas pela coordenadora, mas não sabia de que forma seria recebida pela turma. Teria de “conquistá-los”, como a coordenadora me dissera, e esse era também o meu desejo.

É sempre assim que me sinto quando começo a ensinar alguém. Quero não só ser uma ótima professora, ensinar, ver que meu aluno aprendeu. Desejo também e, principalmente, que ele ou ela goste de mim.

Para a primeira aula, planejei apresentar-me e pedir que cada um se apresentasse. A princípio, senti-os um pouco “frios” e distantes. Estariam me observando, me comparando? Talvez. Constavam na lista de presença 12 inscritos nesse curso, mas só 4 estavam presentes. Tentei dar atenção a todos. Dois conversavam e os demais pareciam sonolentos enquanto eu falava. Isso me incomodou um pouco.

Penso agora que talvez tivesse sido melhor começar com algo mais animado. Mas o quê? Talvez eu devesse ser mais “barulhenta”, mas não sou. Queria conhecê-los e me apresentar. Estou convencida de que é assim que se começa uma relação.

Queria também saber por que estão aprendendo inglês e para quê?

Fiquei um pouco atrapalhada com a conversa paralela. Pela primeira vez, depois de muitos anos fiquei em pé de frente para uma turma. A disposição das mesas e cadeiras era em filas, como em uma escola. Mas eles estavam sentados bem próximos uns dos outros. A sala

onde ministro as aulas para outra turma nessa mesma empresa tem uma única mesa grande de reuniões, o que nos obriga a sentar todos juntos. Como somos apenas cinco pessoas, parece mais aula particular, com esta turma isso não ocorre.

Há um aluno, Ronaldo, que tomava o turno a toda hora. Misturava inglês e português. Ele parece exercer um cargo superior ao dos demais e saber um pouco mais de inglês também. Deduzi isso pela forma como dá ordens ao telefone e pelos olhares enviados que os outros lhe dão, sobretudo Walter e Wanda.

A ex-professora havia terminado a *Unit 5*. Tinha de começar com a *Unit 6* (das 16 constantes do livro). Disse-lhes que me haviam informado que pararam na lição 5. Logo, hoje, íamos começar a *Unit 6*.

Após expor o que havia planejado para o curso, pedi então que abrissem seus livros. Foi quando começaram a resmungar, reclamando de terem lição nova. Ao serem perguntados sobre o que estava acontecendo, quase em uníssono, responderam que queriam que eu fizesse uma revisão porque, segundo disseram, “não sabiam nada”, tinham “esquecido tudo”. Perguntei então: “Mas vocês não estudaram o *Gateways 1*?” Walter respondeu: “Pois é, *teacher*, queremos começar tudo outra vez, voltar para o livro vermelho” (o *Gateways 1*).

O fato de desejarem “começar tudo outra vez”, “voltar para o livro vermelho”, me intrigou de cara e tentei entender o que exatamente queriam dizer com aquilo fazendo perguntas do tipo: “Como assim, começar tudo outra vez?”. Repetiram que não se lembravam de nada do que haviam estudado. Propus uma verificação rápida dos conhecimentos que supostamente já deveriam ter sido adquiridos.

Comecei então a fazer perguntas utilizando conteúdo já visto por eles. Eu já conhecia o livro anterior e recordava algumas lições. Logo vi a dificuldade deles em lembrar das lições anteriores. Aproveitei para tirar dúvidas e fazer esclarecimentos, dar explicações sobre os erros cometidos. A sensação era de que tinham estudado há muitos anos e não se lembravam mais de nada.

As respostas pareciam ensaiadas: “Não sabemos nada”, “Inglês é muito difícil”, “O livro é muito difícil”, etc. Diante disso, tomei a decisão de aceitar o pedido deles e, a partir da próxima aula, iniciarmos uma revisão, mas do livro 2 e não do livro 1 todo, como queriam, pois isso tomaria muito tempo e o livro já havia sido dado. Pedi então que lessem o livro desde o início e trouxessem as dúvidas.

Ao final da aula, minha sensação era de vertigem. Achei tudo confuso, me senti perdida. Senti vontade de chorar por achar que havia me atrapalhado toda, não seguindo meu planejamento.

Coloquei-me então a pergunta: será que vou conseguir dar aula para essa turma? Eles pareciam crianças: agitados, falando muito e todos ao mesmo tempo. Essa experiência eu ainda não tinha tido. Eles são bem diferentes da outra turma que ensino nessa mesma empresa.

Acho que falei demais e ao mesmo tempo deixei-os falar demais entre eles também. Não consegui controlar a situação. Ai, a sensação é ruim, de que fiz tudo errado. Como me faz falta não ter tido “prática de ensino”, *teacher training courses* e coisas afins. Para mim, professores treinados e conhecedores de metodologias de ensino sabem lidar com situações como essa.

05/02/03 Planejamento: Revisão das lições anteriores, *Gateways 2*, resumo de todas as lições abordando apenas pontos cruciais para o entendimento do que está por vir. Trabalhar comunicação oral.

Presentes: Wanda e Ronaldo.

Metade da turma presente na última aula não compareceu. Fiquei preocupada. Essa ausência reforça o sentimento de que não gostaram de mim. Acho que vão desistir. Vai ver eles preferem a antiga professora. Eu não sou tão expansiva ou divertida quanto ela. O que será que fiz, ou não fiz? Tentei me concentrar e dar aula como planejei, ou seja, começo a revisão. Decidi começar com um resumo do *Gateways 1*, mas somente dos pontos cruciais para continuarmos o 2. Pretendia fazer isso em uma aula.

Comecei a fazer perguntas oralmente para avaliar o nível de conhecimento. Ronaldo é melhor que Wanda, mas ela não é fraca. Vê-se que sabe bastante. Ambos mostraram que lembram de algumas coisas, pontos importantes de vocabulário e gramática (uso de auxiliar *do* e *does*, presente simples, pronomes pessoais e possessivos), mas ainda erram bastante.

Estou preocupada. Como vai ser? Se têm tantas dúvidas, como prosseguirei? Como será que estão os outros? Se estiverem no mesmo nível, terei de ir bem devagar. Não adianta correr, quero sentir que aprenderam. Sei que tenho um tempo para cobrir todo o livro. Na verdade, eu deveria estar continuando o *Gateways 2* de onde a ex-professora parou, ou seja, da *Unit 6*. Mas o que adianta continuar se eles estão tão perdidos? E eles me pediram essa revisão.

Pedi que dessem uma olhada no livro anterior e no atual e trouxessem suas dúvidas, coisa que não fizeram. Eles me pediram que fosse mais devagar. Disse que não posso dar o livro 1 novamente porque eles já estão em outro módulo, mais avançado, e que isso seria contraproducente. Argumentam que é contraproducente continuar quando não têm base (*sic*). Mas isso não é possível! Não disse isso, mas pensei. Estou muito preocupada e preciso de um tempo para pensar o que vou fazer.

Decidi falar com as coordenadoras e discutir a situação.

10/02/03 Planejamento: Primeira parte da aula: Exercícios escritos (*Basic Grammar in Use*). Segunda parte: Exercícios orais: perguntas que uns farão aos outros.

Presentes: Pedro, Carla, Wanda e Walter.

Falei com a coordenadora que me mandou fazer como achasse melhor, que não tivesse pressa.

Dos presentes hoje, só a Wanda estava na última aula. Pensei: o que eu faço? Transferi essa pergunta para eles. Wanda foi a primeira

a responder. "Pode começar tudo de novo. Revisão nunca é demais". Os outros se sentiram aliviados, e eu também.

Repeti, mais ou menos, o que fiz na última aula. Pedi que se apresentassem. Não conseguiram falar quase nada, apenas I Ajudo: "My name is...", "I'm" "Nice to meet you", coisas do gênero. Escrevi essas frases no quadro. Confesso que isso me deixou um pouco surpresa e apreensiva. Pelo que conheço do livro 1, esse tipo de apresentação não deveria ser mais problema. Pode ser que eles estivessem nervosos com o fato de estarem com uma nova professora.

Wanda foi uma que respondeu bem. Ela parece aprender com mais facilidade que os outros. Pedro esteve presente pela primeira vez. Carla parece bastante interessada em aprender, mas foi logo me informando que não consegue aprender inglês e que achava esse idioma muito difícil, mas que precisava aprendê-lo. Pedro e Walter mostraram ter muita dificuldade. Erraram muito nas respostas a perguntas do tipo: *How old are you? What do you do? Where do you live?*, etc. Quando acertaram, elogiei. Quando não acertavam, eu explicava novamente. Fiquei com a sensação de que estava malhando em ferro frio, pois ao acrescentar qualquer dado novo, eles pareciam esquecer os antigos.

Distribuí exercícios escritos.

Fizemos juntos os exercícios e gostaram muito. Pedi a cada um que tentasse responder ou completar. Que dificuldade! Vejo olhares perdidos e desanimados. Os rostos eram tristes. Mostravam não saber do que se trata. Pareciam que nunca tinham visto inglês na vida. Minha sensação é de desânimo geral, mas resolvi rapidamente que não vou desistir, não tem jeito, vou ter de começar tudo outra vez.

Estão fazendo uma confusão com o verbo *To be* e os pronomes, tipo: **They is* e **He are*. Quando tentam formular perguntas também mostram grandes dificuldades. Expliquei usando exemplos orais e escritos. Escrevi no quadro a conjugação do verbo e os pronomes. Apelei para o velho método com o qual aprendi. Eles gostaram e disseram que nunca tinham visto o verbo *to be* conjugado. Não sabiam que podiam conjugá-lo. Disse que não era usual, mas que podiam sim.

Não fizemos todos os exercícios escritos, pois teria tomado toda a aula. Passei para os orais. Mostravam grande dificuldade também. Pedro e Walter são os piores, apresentando muita dificuldade para entender **como** se faz o exercício. Pessoalmente, acho esse tipo de atividade cansativa para quem faz e para quem corrijo, mas ao final da aula, Carla, Wanda e Pedro vieram me dizer que adoraram a aula e os exercícios. Fiquei muito feliz.

12/2/03 Planejamento: Continuar a revisão.

Presentes: George, Carla, Raul e Wanda.

Mais dois que não conhecia compareceram hoje: Raul e George. Pensei a princípio: será que vou ter de começar tudo novamente a cada aula? Decidi rapidamente que não e continuei de onde parei. Paciência. Raul é muito simpático e alegre. Parece interessado, mas tem muita dificuldade também. George parece ter mais

conhecimento do idioma, está mais próximo de Wanda nesse quesito. Ele também é bastante simpático.

Carla chegou atrasada e trouxe biscoitos para todos. Sempre que alguém chega é efusivamente cumprimentado. Fazem muita brincadeira uns com os outros. Parece um grupo bastante unido mesmo.

Acabo a aula com o mesmo sentimento das últimas. Parece que não adianta nada revisar, ensinar. A aula foi um bocado cansativa para mim.

17/02/03 Planejamento: Continuar a revisão.

Presentes: Deosdato, George, Carla, Neura, Raul, Wanda e Walter.

Hoje fiquei espantada com o número de alunos. Ao entrar em sala, estavam conversando e brincando uns com os outros. Cumprimentei a todos em inglês e eles responderam em inglês! Fiquei feliz porque isso eles já sabem fazer.

Notei a presença da Neura e pedi para ela se apresentar já que era a primeira vez que vinha a aula. Ela o fez. Fiz perguntas e ela respondeu bem. Os outros conversavam enquanto Neura falava. Pedi que ouvissem a colega. Tive a sensação de que ela não era muito querida por Carla e Wanda, pois suas expressões faciais, principalmente olhares, não me pareceram muito amistosos.

Carla trouxe biscoitos novamente. Dessa vez, Raul reclamou que não havia manteiga para passar neles. Walter, que é muito gordo, viu os biscoitos e disse que queria também. Carla reclamou e disse que pelo menos eles arranjassem algo para passar nos biscoitos. Walter saiu para buscar um pouco de manteiga e retornou rapidamente. Fiquei um pouco atônita por não controlar esse movimento todo, mas aproveitei para ensinar esse vocabulário (manteiga, biscoito, faca, etc.) que eles desconheciam, ou não se lembravam de ter aprendido. Nos dias de aula, muitos não almoçam e a fome, segundo comentaram, lhes tira a concentração.

Depois que todos comeram pelo menos um biscoito, recomeço a revisão. Trouxe bastante exercícios para fazermos juntos ali e para que levem para casa, já que gostaram dessa atividade. Localizei no livro as lições a que esses exercícios se referiam. Alguns são escritos, outros orais. Nos escritos, chamo alguns para virem ao quadro. Nos orais, pedi que uns fizessem perguntas aos outros usando o vocabulário já estudado por eles.

Eles pareciam não lembrar de nada. Por vezes, me senti cansada e sem paciência, mas respirei fundo e comecei tudo novamente. Espero que eles não tenham percebido meu desânimo. Perguntaram-me a toda hora *what does it mean?* Isso porque levei uma folha de papel pardo com algumas perguntas que eles deveriam usar para se comunicarem comigo. São elas: *What does it mean? How do you spell this word? May I leave the room for a moment? What is this? Can you write the word on the blackboard? May I ask a question?*

Colarei sempre o papel na parede para que essas perguntas fiquem constantemente expostas e eles as consultem quando precisarem.

A aula passou rápido. Eles parecem gostar desse tipo de atividade que os mantém mais espertos. Em geral, demonstram fome e cansaço.

Deosdato parece não saber muito, quase nada, e só ficou perguntando coisas do tipo: “Eu posso usar esse inglês em qualquer situação?”, “O inglês que estamos aprendendo aqui é americano ou inglês?”

Sinto que os outros alunos se irritam com as interrupções dele, principalmente Wanda que parece ser muito ansiosa, se mexe o tempo todo, fala muito rápido, troca a página do livro a toda hora. Quando estou explicando algo que já sabe, folheia revista de moda. Acho que ela tem pressa de aprender. Fico dividida entre atender um e outro. Como Deosdato não sabe quase nada, acho que ele faz essas perguntas só para me mostrar que está participando ou para obter um pouco mais de minha atenção.

Ao final da aula, Carla me pede que corrija os exercícios do Workbook que a outra professora não teve tempo de corrigir. Concordei em fazê-lo na próxima aula.

19/02/03 Planejamento: Correção dos exercícios do Workbook que a ex-professora não corrigiu.

Presentes: Deosdato, George, Carla, Raul e Wanda.

Raul chegou atrasado e bateu na porta. Ao ouvir, eu disse: “Come in”. Ninguém entrou. Então, fui informada pela Wanda e pelo Walter que há uma senha entre eles. Tenho de dizer “Between”. Todos riem. Digo que tudo bem, mas que não é isso que se diz em inglês. Após dizer a senha para que Raul entrasse, repeti o que se deve dizer nessa situação, “Come in”.

Sugeriram um almoço comigo no lugar de uma aula. Disseram que iam muito almoçar com a ex-professora, Renata. Aceitei por achar o convite simpático e uma demonstração de aproximação comigo, mas disse que então teria de ser um almoço falado em inglês. Riram muito e disseram que passariam fome. Prometi levar vocabulário na próxima aula sobre comida e pedidos em restaurante e que na aula seguinte então almoçaríamos.

George é gentil e engraçado, mas está sempre com sono, não importa a algazarra que estejamos fazendo. Os outros reparam e brincam com ele quando o pegam dormindo. Ele disse que vai dormir sempre muito tarde, pois toca violão toda noite em um barzinho perto de casa.

O WB é muito difícil para eles. Reclamaram muito. Eu concordo.

24/02/03 Planejamento: Vocabulário sobre comida, restaurantes (como pedir a comida, a conta, etc.).

Presentes: George, Carla, Raul, Wanda e Walter.

George trouxe um cardápio em inglês que ele conseguiu da última vez que foi à Inglaterra. Utilizei-o na aula.

Distribuí cópias de uma lição de um outro livro que falava de comida e formas de se pedir em restaurantes. Role play em restaurante. Eu fui o garçom e eles os clientes. Depois uns foram os garçons e os outros se fizeram de clientes. Foi tudo muito engraçado. Rimos muito.

As comidas escolhidas foram, claro, bem brasileiras e difíceis de traduzir, como: feijoada, cozido, rabada.

Boa aula. Eu gosto muito dessa atividade de “fazer de conta”.

26/02/03 Planejamento: Almoçar falando inglês.

Presentes: Deosdato, George, Carla, Pedro, Raul, Wanda, Paulo e Walter.

No restaurante, eles leram o cardápio e tentaram traduzir as comidas e em muitos momentos também tentaram falar inglês. O esforço é grande.

Foi muito agradável e achei que serviu para nos aproximarmos mais ainda. Todos queriam pagar minha conta, mas não deixei, pois queria mostrar que de fato fazia parte desse grupo e estava mesmo compartilhando aquele momento com muito prazer.

As conversas que surgiram durante o almoço variaram muito. Algumas tocavam em questões de cunho estritamente pessoal. Por exemplo, Carla falou de sua família, principalmente da filha, e George e Pedro sobre o trabalho. Algumas vezes, falaram de suas dificuldades com a língua estrangeira e do desejo de “dominarem” esse idioma.

George contou que já esteve na Inglaterra e que gostou muito. Sua filha mora nos Estados Unidos atualmente e de vez em quando ele liga para ela e precisa entender o que diz a colega que divide com ela o apartamento. Ele disse que na maioria das vezes consegue se fazer entender e entender o que a moça responde.

Pedro se queixou de que tem muita dificuldade (e de fato tem mesmo) e que achava que nunca iria aprender. Disse também que muitas vezes teve vontade de desistir, mas que, por causa do meu incentivo, ele resolveu tentar mais uma vez. Fiquei super feliz ao ouvir isso e disse isso a ele.

Deosdato perguntava sobre tudo. Queria saber cada palavra em inglês. Algumas eu não me lembrava, outras eu não sabia mesmo. Ele tem mais dificuldade com a língua do que Pedro. É o mais fraco da turma pelo que pude sentir até agora.

Falaram muito de si mesmos, de suas vidas privadas. Não perguntaram nada sobre a minha.

Terminamos o almoço e voltamos para a empresa. Todos estavam muito contentes com a “quebra da rotina” e me agradeceram muito.

10/03/03 Planejamento: Continuação da revisão

Presentes: Deosdato, Carla, Pedro, Walter.

Sinto que estão melhorando, acertando um pouco mais, estão mais confiantes e tentando usar a língua estrangeira mais vezes em sala de aula. No entanto, cada coisa nova que apresento parece provocar medo e cada erro parece o fim do mundo. É um desânimo geral. Tento motivá-los dizendo que se todos soubessem tudo eu não poderia estar fazendo aquilo que mais gosto de fazer, ou seja, ensinar.

Carla chegou atrasada e de óculos escuros. Entrou, sentou e ficou quieta. Foi cumprimentada pelos outros e respondeu laconicamente. Tive vontade de perguntar o que estava acontecendo, mas resolvi que poderia ser uma invasão de privacidade. Então, não o fiz.

A aula de hoje foi sobre o verbo *to be* no passado. Em dado momento perguntei: “Where were you yesterday?” para cada um deles. Na vez da Carla, ela tirou os óculos e, tentando falar em inglês, disse que queria ter me dito no começo da aula que hoje estava muito chateada porque ontem havia tido uma briga horrorosa com a filha por causa do namorado que ela conheceu pela internet e que é americano. (Na verdade, ela trocou “filha” por “irmã”, ou seja, *daughter* por *sister*). A princípio, pensei que ela vivesse com uma irmã. Em seguida, por seu relato, percebi que era da filha que se tratava e esclareci o equívoco.

Carla se queixou que a filha fez gastos astronômicos com ligações telefônicas para um rapaz que conheceu via internet. A filha perdera o emprego por causa disso e, além disso, usou o telefone da vizinha para quem Carla teve de pagar uma conta bem alta. Ela se mostrou arrasada e chorou muito. Disse que lamentava ter gasto tanto dinheiro e feito tanto sacrifício para que a filha estudasse inglês, para agora ela “retribuir dando-lhe tanta despesa e tristeza”.

Os outros alunos se envolveram com o problema dela e tentaram ajudá-la a entender o que estava acontecendo, lhe dando consolo e conselhos também. Sentí-me tocada por seu problema e queria ajudá-la a se sentir melhor. Sentí também que se não me envolvo, naquele momento, com o problema da Carla, que passou a ser o do grupo porque de tão intenso extrapolou a esfera íntima e comoveu a todos, talvez não conquistasse o espaço nesse grupo que eu gostaria. Eu também não conseguiria ser indiferente aos problemas alheios. Não é meu feitio. Tentei ajudar fazendo perguntas que esclarecessem, para ela mesma, alguns pontos desse problema. Disse também que a língua inglesa não “causou” o problema, mas que foi algo que ela fez pela filha, para seu futuro, não tendo nada a ver com o uso que a filha estava fazendo dela agora.

Carla pareceu concordar, mas continuou chorando e não conseguí retomar a aula. Ficamos conversando e tentando ajudá-la pelo resto da aula.

Agora, aqui no carro, me sinto mal por pensar que ocupei uma aula quase toda com os problemas pessoais de um aluno. Deveria ter sido mais “fria”? Mas como? Não consigo. O que eu devia fazer? Mais da metade da aula foi gasta com esse episódio e achei que o Deosdato estava um pouco impaciente com tudo. Será que minhas

aulas vão virar terapia de grupo? Será que os outros também se sentirão no direito de trazer seus problemas pessoais para serem discutidos na aula. Dou abertura demais para que isso ocorra?

12/03/03 Plano: Revisão. Exercícios orais. Video Interchange Intro.

Presentes: Deosdato, Carla, Pedro e Wanda.

Pensei em perguntar como estava tudo com a Carla, mas achei que talvez isso pudesse provocar mais uma longa conversa e eu não teria tempo para o que planejei. Da última vez, senti que o Deosdato não estava gostando da sessão de ajuda que os outros e eu promovíamos.

Mas, antes mesmo de começar a aula (eu ainda estava colocando minhas coisas em cima da mesa e os outros alunos sentando), Carla me perguntou, em tom que me pareceu um pouco irritado, quando terminaríamos o livro. Estranhei de cara a pergunta pelo tom empregado. Respondi que ainda tínhamos bastante tempo, pois o curso tem duração de 120 horas-aula dadas e eles só tinham tido 30 horas-aula dadas. Expliquei que só contavam as aulas efetivamente dadas. Logo, feriados e interrupções de qualquer tipo não contavam. Perguntei a ela o porquê da pergunta.

Carla respondeu, em tom de queixa e aparentemente irritada, que estávamos demorando muito na revisão e que ela queria terminar o livro e não queria correria no final. Fiquei surpresa. Senti mesmo uma sensação de frio na barriga.

Olhei para a turma e perguntei o que eles achavam. A turma se colocou contra ela quase que em coro e disse que eu continuasse a fazer do meu jeito, pois eles estavam gostando muito e aprendendo o que não tinham aprendido antes. Disseram também que não adiantava nada terminar o livro e não terem aprendido. Carla ficou zangada ao ouvir isso e disse que não queria deixar o livro pelo meio, nem correria no final.

Disse-lhe eu que não pretendia deixar nada pelo meio e que precisávamos pensar melhor essa questão para podermos chegar a um acordo, se paro ou continuo a revisão. Propus, então, que eles pensassem e discutissem a questão até que todos estivessem satisfeitos. Lembrei apenas que foram eles mesmos, principalmente a Carla, que pediram e insistiram que eu fizesse uma revisão, pedindo mesmo que recomeçasse desde o primeiro livro, coisa que não fiz.

Carla ficou calada, ouvindo, nitidamente contrariada, com um olhar e um sorriso, de canto de boca, que me pareceu de escárnio. Fiquei transtornada. Minha vontade era de terminar a aula onde estávamos. Os outros reagiram dizendo que não queriam continuar o livro da lição 6, pois não sentiam que estavam aprendendo, tinham muitas dúvidas porque faltaram muito às aulas.

Apesar de todo apoio dos outros alunos, me preocupou muito a demanda da Carla. Por quê?

Agora, algumas associações surgem para mim. O que chamou minha atenção não foi apenas seu desejo de saber acerca do tempo de duração do curso e da viabilidade, dentro desse período, de terminarmos o livro. Questão absolutamente legítima. O que me

tocou foi o afeto envolvido, ou seja, a forma emocional com que ela colocou sua questão: preocupada, bastante irritada e ansiosa. E a forma como eu reagi a ela, ficando bastante perturbada porque achei que tudo estava indo bem. Sinceramente, eu não esperava esse tipo de reação. Achei que estava agradando a todos com uma revisão abrangente. Eu estava satisfeita com ela (revisão).

Minha hipótese é de que Carla tem pressa para aprender, pois precisa entender o futuro genro e o que a filha e eles falam pela Internet e ao telefone. Daí também sua irritação. Esse afeto foi dirigido a mim porque sou a pessoa que ela espera que possa fazer com que ela realize o desejo de falar inglês e, com isso, entender o que a filha e o rapaz falam. Com a revisão, de certa forma, retardo esse desejo. Ela tem pressa.

Continuei a revisão e, para agradecer Carla, quase no final da aula, pedi que abrissem os livros na *Unit 6* (a primeira lição a ser dada por mim) e antecipei um pouco o que veremos na próxima vez. Insisti mais uma vez que pensassem sobre tudo que discutimos hoje para conversarmos na próxima aula e decidirmos o que queremos fazer.

Confesso que tudo isso foi um choque para mim porque tinha a impressão de que estava agradando a todos. Deixei a empresa me sentindo péssima, deprimida mesmo. Estava confiante e acreditando que estava agradando. Minha vontade de que eles aprendessem, não tivessem mais dúvidas, era tanta que talvez eu tenha mesmo me excedido na revisão. Quem sabe uma ou duas aulas fossem suficientes. Eu também não posso fazer a parte deles. Eles têm de fazer os exercícios e estudar. Que dia!

17/03/03 Plano: APPE

Presentes: Deosdato, Carla, Pedro, Raul e Wanda.

Após explicar aos outros alunos que não estavam presentes o que havia acontecido, perguntei se haviam pensado no que foi discutido na última aula. Perguntei o que gostariam de fazer para refletirmos sobre o assunto da última aula. Propuseram uma discussão e votação. Concordei. Coloquei a questão: continuo ou não a revisão?

Responderam pedindo que eu continuasse, principalmente os novos, pois tinham perdido o início da revisão por terem faltado. Disse que isso era um problema, pois eu não poderia ficar para sempre fazendo revisão porque havia sempre alguém faltando e, na verdade, a revisão já estava mesmo no fim.

Carla ficou calada o tempo todo e, novamente, com aquele sorriso nos lábios. Isso me irritou e preocupou. Fiquei com a sensação de que ela foi reclamar de mim na coordenação do curso, pois a vi por lá falando com a pessoa responsável por atividade na empresa.

Espero não ter deixado transparecer como estou transtornada com tudo isso. Quero agradecer todo mundo. Mas, nessas últimas aulas, começo a perceber que grande parte de suas dificuldades se deve ao fato deles não fazerem dever de casa e não estudarem fora do horário da aula.

Por outro lado, acho que talvez tenha mesmo me alongado demais na revisão, mas eu realmente sinto que eles têm muita dificuldade. Quero que aprendam. Quero sentir isso. Eles erram muito os exercícios que trago. Isso faz com que a aula demore mais nesse tipo de atividade.

Trouxe perguntas em pedacinhos de papel para que eles fizessem oralmente uns aos outros. Não só não sabiam grande parte das palavras, as quais constam do livro, como também não acertaram quase nenhuma resposta. Erram muito. Por momentos fico muito desanimada.

Os outros alunos (Raul, Wanda, Pedro e Deosdato) voltaram a insistir que não adiantava correria, pois o importante é aprender. Aproveitei o gancho e perguntei: “Por que queremos aprender inglês?”. Consultaram os dicionários para responderem. Tentaram responder em inglês, mas tive de ajudar. Uma das respostas foi “because we don’t know English”, “porque nunca me lembro de nada”. Perguntei então: “E como se pode saber inglês, aprender, não esquecer?”.

Já pensando em registrar por escritos os resultados de nossa reflexão conjunta, levei um pedaço de papel pardo e uma caneta pilot. Colei o papel no quadro e escrevi “Learning”. Pedi que me dissessem o que associavam com essa palavra. Durante os cinco primeiros minutos, ficaram apáticos. Eu fiquei super “sem graça”, esperando respostas que não vieram. Fiz novamente as perguntas: “Por que estamos aprendendo inglês?” “O que significa aprender?”, “Aonde se aprende?”.

Então, Raul iniciou dizendo que se pode aprender no ônibus no trajeto para o trabalho, lendo as lições. Daí, listaram uma série de lugares e pessoas com quem poderiam aprender e estudar. Por vezes, tive que traduzir pois não sabiam dizer isso em inglês. Finalmente, Carla, quase inaudível, disse que se podia aprender nos livros e com colegas. Ai, houve queixas uns dos outros com relação a muitos deles faltarem, não fazerem dever, etc.

Lembrei e mostrei no que listaram que as pessoas são diferentes e aprendem em momentos e lugares diferentes. Lembrei que éramos um grupo e que, como a Carla havia lembrado, uns poderiam ajudar os outros a entenderem as lições e as questões que surgissem ali. Quem sabe mais poderia ajudar os que ainda não sabem tanto, e que era importante não dependerem somente das aulas para aprender.

19/03/03 Plano: Iniciar a Unit 6.

Presentes: Deosdato, Pedro e Raul.

O que será que houve com a Carla? Será que desistiu? Confesso que fiquei perturbada com sua ausência. Justo hoje que eu pretendia começar a Unit 6.

Comecei assim mesmo. Perguntei por ela, mas ninguém soube informar, pois ela trabalha em outro setor, em outro prédio que tem conexão com este, mas não é perto. No começo da aula, disse que a revisão que pretendia fazer estava chegando ao fim e que hoje mesmo pretendia começar a Unit 6.

A *Unit* nova deixou-os desaminados. Acharam tudo difícil. Tive que repetir o CD três vezes na hora do *Listening* e assim mesmo não conseguiram entender a metade. De fato, acho que entre o *Gateways 1* e o *2* deveria haver um *Gateways 1 1/2*.

Minha estratégia é ir devagar e trazer material de apoio adicional e os ajude a superar essas dificuldades.

24/03/03 Plano: Continuação da *Unit 6* + atividade oral

Presente: Deozdato, Carla, Pedro, Raul, Wanda e Walter.

Carla veio! Ai que alívio, ela parece não ter desistido. Ela se desculpou por ter faltado. Disse que teve de ir ao dentista. Trouxe bombons para mim e me beijou. Estava alegre como em geral é e participou bastante da aula. Ao final, me pediu que qualquer dia desses eu trouxesse a música *Let it be* para eles cantarem, pois quando era criança cantava sem conhecer a letra e só ficava movendo os lábios. Agora, queria aprender sobre essa música.

Notei que seu caderno estava todo organizado, com os exercícios que dei em folhas avulsas todas coladas no caderno. Efeitos da APPE *learning* da aula de 12/03?

26/03/03 Plano: Término da *Unit 6* + exercícios escritos.

Presentes: Carla, Pedro, Raul, Wanda.

Não dá para correr com a lição. Eles não gostam e não me deixam ir adiante quando não entendem alguma coisa. Por vezes tenho de falar em português quase a aula toda, principalmente quando os sinto irritados por não conseguirem me entender.

No entanto, vejo efeitos da aula “exploratória” evidentes em três alunos: Carla, Raul e Pedro. Carla está com todo material extra organizado em seu caderno. Raul e Pedro passaram a estudar juntos. Fazem exercícios juntos e estão achando a experiência muito boa. Eles estão, de fato, mostrando algum avanço no aprendizado da língua. Nas atividades em sala, mostraram que aprenderam a formular perguntas e a respondê-las com verbos no presente simples.

Estou super entusiasmada. Sinto-me “exploratória”. Isso significa que tenho um grande trunfo na mão: trabalho o emocional e a língua ao mesmo tempo, meu e deles. Essa forma de atuação em sala me parece completa. Para mim é perfeito porque reúne duas coisas que gosto de fazer e não consigo deixar de fazer: criar espaço para o sujeito se dizer, e fazer isso enquanto ensino!!!

Não foi possível cantarmos a música *Let it be* hoje porque eles gostam de fazer exercícios escritos e me pediram para fazê-los em sala até o fim.

31/03/03 Plano: Corrigir *Workbook* da *Unit 6*. Trabalhar a música *Let it be*.

Presentes: Deozdato, Carla, Raul, Wanda e Walter.

Ninguém fez o dever de casa. Isso parece ser freqüente entre os alunos, pois vivo isso com a outra turma e escuto essa queixa dos outros professores. Fiquei decepcionada e mostrei isso. Se explicam: falta de tempo, muito trabalho, viagens. Se desculpam muito. Propus

fazermos juntos, mas ressalvo que o estudo fora daquelas horas ali é bastante necessário, fundamental. Repeti que não podia fazer a parte deles. Ficaram calados.

Ao final da aula, coloquei a música *Let it be*. Tinha retirado algumas palavras para eles tentarem identificar e completar a letra. Carla não entendeu quase nada e me disse: “Quando é que eu vou aprender inglês?”

Respondi: “Você está aprendendo inglês. O aprendizado de uma forma geral nunca acaba, o de uma língua não é diferente”. Disse que eu, por exemplo, estudava inglês há mais de vinte anos. Espantada, ela perguntou: “Aí, Meu Deus, será que eu vou levar vinte anos para aprender?”. Respondi: “Estaremos sempre aprendendo, mas ao final do ciclo básico do nosso curso, tenho certeza que você saberá o suficiente para se comunicar com um nativo”.

Ela respondeu: “Mas eu estou estudando há dois anos e não sei nada”.

Disse: “Você já sabe muita coisa”.

Ela respondeu: “Então meu problema é psicológico. Você tem de me tratar”.

Fiquei engasgada quando ouvi isso. Tudo que consegui responder foi:

“OK. Combinado. Como você quer fazer isso?”

Ela respondeu: “Aqui mesmo, enquanto eu estiver aqui na aula. Você me ajuda a superar essa dificuldade”.

Os outros se apressaram a falar quase em coro: “Nós queremos também”.

Disse: “Então está combinado. Na próxima aula vamos falar sobre isso”.

Fiquei estarecida com a verbalização de um sentimento que, muitas vezes, não se conscientiza, ou seja, as emoções que atrapalham o aprendizado.

02/04/03 Plano: APPE + término da correção do WB *Unit 6*.

Presentes: George, Carla, Raul e Wanda.

Lembrei que, na última aula, eles haviam mencionado que suas dificuldades em aprender uma língua estrangeira eram causadas por problemas psicológicos. Eu não queria deixar essa oportunidade de trabalhar algum “trauma” pedagógico/escolar e ajudá-los, por isso levantei o assunto novamente. Uma vez psicólogo, sempre psicóloga? Perguntei que problemas eram esses.

Carla respondeu dizendo que tinha medo de falar porque não sabia falar direito, não tinha sotaque estrangeiro, mas sim do norte do Brasil, se envergonhava disso e de errar.

Disse a ela que do sotaque tinha de se orgulhar, que somos um povo muito bacana e que o importante era se comunicar, interagir com o estrangeiro usando da melhor forma que pudéssemos a língua dele. Até porque ele não fala a nossa. Citei o exemplo dos japoneses e outros povos que trazem para o idioma estrangeiro seu forte sotaque. Falei que nosso sotaque é parte de nossa identidade cultural e que não deveríamos abrir mão dela.

Carla passou então a relatar sua experiência quando criança na escola. Costumava ficar balançando as pernas embaixo da mesa de tanta ansiedade, pois tinha medo que a professora lhe fizesse alguma pergunta e ela não soubesse responder. A professora brigava muito com ela por causa disso.

Disse a ela que compreendia esse sentimento e que via que essas lembranças ainda eram fortes e possivelmente agora estivessem interferindo em outros momentos de sua aprendizagem. Carla confirmou isso dizendo que está fazendo um treinamento em contabilidade, matéria que domina, segundo ela, mas que outro dia “quase morreu” quando o professor lhe dirigiu uma pergunta. Ela sabia a resposta mas ficou insegura e preferiu dizer que não sabia. Quando ele deu a resposta certa, ela ficou com muita raiva de si mesma por não ter tido coragem de falar por medo de errar.

Pedro também falou de seu bloqueio para aprender. Desde criança ele tem dificuldade para acompanhar os colegas de sala. Sempre passou de ano, mas sente que tem muita dificuldade, que leva mais tempo do que os demais para aprender.

George não fez nenhum comentário sobre seu passado. Disse apenas que não aprende mais porque não estuda mesmo, não tem tempo. Perguntei se nem em casa nos finais de semana ele tem um tempinho para estudar. Ele disse que toca violão e nos finais de semana faz serestas “por aí”.

Wanda seguiu George e disse que, se tivesse tempo, aprenderia mais. Ela viaja muito a serviço e tem um filho pequeno que precisa de atenção e cuidados.

Raul disse não ter bloqueio nenhum, que é “sem vergonha” para falar. Ele parece mesmo não se inibir. É o mais atirado para responder. Tem mostrado progresso e fica muito orgulhoso e entusiasmado quando acerta.

Hoje o plano de aula era a correção de exercícios do *Workbook*. Resolvi passar a corrigir os exercícios em sala porque achei que era mais proveitoso. As dúvidas surgem e são tiradas na hora. Às vezes, levava para casa e aí quase nunca tinha tempo de esclarecer as dúvidas e não acredito que eles olhem com cuidado minhas correções, pois os mesmos erros se repetem com frequência. Além disso, não tenho tido tempo para trabalho extra em casa.

07/04/03 Plano: *Unit 7 + vídeo Interchange Intro (listening)*

Presentes: Carla, Pedro, Raul, Wanda e Walter.

Iniciei a aula perguntando se eles se incomodariam se eu gravasse nossas aulas porque estava analisando meu desempenho como professora. Raul fez uma cara de contrariado e disse que não era permitido gravar ou filmar dentro das dependências da empresa.

Fiquei surpresa pois uma de minhas colegas de faculdade, que também dá aula nesse projeto, gravou suas aulas para sua dissertação de mestrado. Não mencionei esse fato, mas tentei insistir perguntando se era norma da empresa. Ele disse que não sabia, o que sabia era que não podia porque coisas confidenciais poderiam ser

ditas, sem intenção de serem reveladas, e “sabe Deus onde essa fita vai parar”.

Garanti que eles podiam ficar tranquilos que as gravações não seriam divulgadas e os nomes seriam trocados. Ainda assim, George e Wanda confirmaram o que Raul disse. Pedi desculpas e, muito sem graça, disse que então não gravaria.

Antes de começarmos com o *Student Book*, fui interrompida pela Carla. Ela apresentou a carta que o “futuro genro” havia enviado para ela e para seu marido e pediu para que eu traduzisse. Perguntei aos outros se se importavam que eu traduzisse. Raul respondeu que não só não se importava que eu lesse a carta do “futuro genro” da Carla, como também achava muito interessante ver como um “gringo” escrevia informalmente. Os outros acharam a idéia ótima. Eu também.

A princípio, Carla se irritou com o rótulo “futuro genro”, mas me entregou a carta. Pedi que ela mesma tentasse lê-la. Começou, mas depois desistiu e pediu minha ajuda. Li e escrevi algumas frases que o rapaz usou no quadro, algumas coisas que já tinham sido estudadas nas lições dos dois livros. A certa altura, Carla pediu para que eu parasse de ler (parecia constrangida com os colegas) e se justificou dizendo que “não se sabe o que pode vir por aí”, numa referência ao assunto da carta.

Ao final da aula ela me pediu que acabasse de ler a carta para ela, o que fiz. Quando terminei, me deu amostras dos batons e perfumes que ela vende.

9/04/03 Plano: Continuação da Unit 7 + vídeo + exercícios orais: perguntas e respostas

Presentes: Carla, Pedro, Raul, Wanda e Walter.

Pedro, Raul e Walter estavam cheios de dúvidas e erraram as respostas das perguntas que fiz. Carla ajudou Pedro e em seguida Walter. Eles entenderam e, por fim, acertaram o restante dos exercícios. Elogiei Carla dizendo que ela é uma professora nata. Ficou toda prosa. De fato, ela conhece a matéria, gosta de ensinar, tem paciência e um jeito doce de falar.

Eles adoraram o tipo de exercício oral que trouxe. Cada um tem de escolher um outro para responder a sua pergunta. Foi tudo muito divertido.

Efeitos da APPE:

Notei que Raul trouxe um fichário com todo o material extra que trago para eles: exercícios, pontos de gramática, etc. Tudo organizado. Na capa do fichário ele colocou uma foto sua em sua mesa de trabalho. Notei e perguntei como ele tirou essa foto se ele havia me dito que não se pode tirar fotos ou filmar dentro da empresa. Riu e disse que tirou escondido, mas repetiu que não é permitido.

Raul informou-nos que precisarei faltar uma semana por mês porque está fazendo um curso de pós-graduação. Pensou em parar, mas insistiu que ele viesse assim mesmo. Parece em dúvida.

Eu não quero que ele saia, pois sinto que está progredindo e gosto de sua presença em sala. É muito espírituoso e ajuda a movimentar a aula.

O vídeo que eu trouxe já tinha sido exibido e eu não sabia. Fico sem graça e chateada! Mas a ex-professora ficou de me passar seus programas e não o fez. Pedi à coordenadora, que também não sabia onde estavam os programas.

14/04/03 Plano: WB Unit 7

Presentes: Carla, Pedro, Raul, Wanda e Walter.

A correção dos exercícios é sempre penosa. Reiterei mais uma vez a necessidade de fazerem os exercícios em casa para poderem pensar mais e pesquisar no livro-texto. E, com isso, estudassem.

Pareciam muito desanimados.

As aulas de correção do WB são sempre muito cansativas, pois eles têm dificuldade de entender como o exercício deve ser feito, com exceção da Wanda. Só depois de minhas explicações é que conseguem fazer.

16/04/03 Plano: Basic Survival fita + Unit 8

Presentes: Deosdato, Carla, Pedro, Raul, Wanda e Walter.

Trouxe o *Basic Survival* como atividade de *listening* e eles acharam difícil. Não queria começar a Unit 8 hoje porque não tive tempo para planejar como gostaria essa lição. Apenas li rapidamente hoje de manhã. Fiquei com a sensação de que tentei “embromar”, mas acho que eles não perceberam. Apesar das dificuldades com o *listening*, após minhas explicações de cada trechinho da conversa no balcão de um hotel, senti maior confiança por parte deles, pois conseguiram entender algumas palavras e do que se tratava sem, contudo, precisarem entender *todas* as palavras, como é em geral seu desejo.

28/04/03 Plano: Começar a Unit 8.

Presentes: Pedro, Raul e Walter.

Não queriam começar a lição nova porque o “resto” da turma não estava presente. Senti uma certa “resistência” ao dado novo, como se prevíssem a dificuldade que teriam de enfrentar e não quisessem viver isso. Pelo menos hoje. Parecem precisar de um tempo para digerir o novo.

Perguntei o que queriam fazer. Disseram que queriam tirar dúvidas. Aceitei.

Foi ótima a aula. Eles ficaram satisfeitos com as explicações e eu também porque vi progresso, principalmente do Walter. Elogiei-o muito.

30/04/03 Plano: Começar a Unit 8

Presentes: Carla, Pedro, Raul, Wanda, Walter

George tem faltado porque fez uma cirurgia. É pena, porque ele, apesar de não estudar nada, é um dos que mais sabe inglês nesse grupo.

Raul parece estar bem motivado, presta bastante atenção e não me deixa passar adiante enquanto não entende.

Carla também me parece muito motivada. Sinto que ela é muito rigorosa consigo mesma. Quando não faz algum dever de casa ou não entende depois que expliquei umas duas ou três vezes (e sempre o faço, ou tento, de formas diferentes), ela me diz que vai tentar entender sozinha em casa e com exemplos que ela mesma criará e me trará na próxima aula. E sempre faz isso e, em geral, dá certo. Ela parece ter encontrado seu método de aprendizagem. Aponto isso para o resto da turma.

Fiz questão também de comentar os métodos diferentes de aprendizagem que eu reconhecia em cada um. Eles ficaram todos orgulhosos. Falo com sinceridade, de maneira natural e carinhosa e sinto que surte o efeito positivo que espero, ou seja, sinto-os motivados.

Incluí a Wanda nesses elogios e fiquei com pena do Pedro porque não disse nada para ele. Gosto muito dele, ele é simpático e carinhoso comigo. Outro dia falou: "Minha teacher, how are you?", dando ênfase ao pronome possessivo. Porém, não vi da parte dele nenhuma forma ou método pessoal de aprender e percebo pouco progresso.

Deosdato e Walter são os piores de todos. Não sabem quase nada mesmo, não fazem os exercícios nem mesmo em sala. Walter se queixa de que trabalha muito, que às vezes sai da empresa às 10h da noite. Dito por ele mesmo, e comprovado por seu físico, bebe e come muito. É enorme de gordo, e tem uma barriga que parece grávido de nove meses. Chega a preocupar, pois está sempre passando mal, sobretudo às segundas-feiras, dia de aula. Já Deosdato parece estar em outro planeta.

5/5/03 Plano: Continuação da *Unít8*

Presentes: Carla, Raul, Wanda e Walter.

Walter declarou não querer mais continuar porque teria de faltar muito em função do excesso de trabalho. Parece que ele é responsável por calcular bônus de funcionários. Todos querem sempre conversar com ele sobre dinheiro. Não faço perguntas indiscretas, mas ouvi algo sobre esse assunto outro dia.

Nas últimas aulas, sempre que o Walter acertava alguma coisa, coisa rara, eu elogiava e me mostrava bem satisfeita com ele. Os colegas também reparavam e elogiavam sempre que ele acertava os exercícios e/ou respondia corretamente as perguntas feitas oralmente em sala. Motivam-no o tempo todo. Eles também não querem que ele saia. O grupo parece querer permanecer junto. Gosto muito dessa atmosfera. Será que Walter está com medo ou preocupado em não conseguir continuar a progredir? Será que está com vergonha de mim ou dos colegas porque na maioria das vezes erra muito? Fiquei super chateada uma vez que, apesar de toda a dificuldade que mostra ter para aprender, ele é uma pessoa simpática, carinhosa e alegre. Vai fazer muita falta a mim e aos outros.

A turma tentou convencê-lo a continuar, mas ele parece decidido. Tomara que não saia.

7/05/03 Plano: Correção-WB *Unit 8***Presentes:** Deosdato, Pedro e Raul.

Ao ver que Deosdato, Pedro e Raul seriam os únicos presentes, pensei: “Péssimo dia para corrigir os exercícios da *Unit 8*”. Mas o que fazer? Se eu esperar todos aparecerem, nunca faço nada nos livros. Sei que os outros, quando aparecerem, vão cobrar a correção dos exercícios e aí terei de levar os livros para casa e corrigir. Tudo bem, mas é que acho mais produtivo mesmo corrigirmos em sala.

Estava ganhando tempo para ter alguma idéia quando, ao perceberem que o resto da turma não viria mesmo, Raul sugeriu que não tivessem aula. Disse que isso não era bom, que eles estavam ali e que deveríamos aproveitar esse tempo para estudar. Pedro sugeriu então que conversássemos. Concordei e perguntei sobre o quê. Ele foi logo dizendo que tinha de ser em português porque ele não conseguiria em inglês. Disse então que ele tentasse que eu ajudava.

Raul insistiu que não estava disposto para ter aula hoje e que estava com fome e chamou os outros para almoçar e me convidaram também. Disse que já tinha almoçado, o que não era verdade, mas confesso que não estava com vontade de almoçar com eles três no restaurante perto da empresa. Simplesmente não estava com vontade.

Pediram então para irem embora. Permiti, me sentindo um pouco mal com isso. Mas o que posso fazer? Eles são adultos e não posso prendê-los. Fiquei com o sentimento de que talvez não estejam mais tão motivados, cansaram de mim e de minhas aulas.

Mas, pensando bem, há dias em que simplesmente queremos fazer outra coisa, e isso não significa que não gostamos do que estamos fazendo. Parece-me também que para eles a aula não “faz sentido” sem os outros, digo, as outras. Elas de fato “puxam” a aula, estão sempre bastante interessadas, quem sabe são fonte de motivação para eles.

12/05/03 Plano: Correção da *Unit 8* do WB.**Presentes:** Deosdato, Carla, Pedro, Raul e Wanda.

Casa cheia! Fiquei surpresa e feliz com a presença na aula. Falei para Wanda e Carla que haviam feito falta na última aula. George continua convalescendo.

O grupo está bem entrosado e é muito bom quando estão todos presentes. A aula é alegre e movimentada. Uns ajudam os outros.

14/05/03 Plano: *Unit 9***Presentes:** Carla, Pedro, Raul e Wanda.

Não anotei nada.

19/05/03 Plano: Cont. da *Unit 9***Presentes:** Carla, Raul e Wanda.

Hoje Carla trouxe uma redação espontânea. Ela escreveu uma carta para mim (Anexo 2). Suas palavras são comoventes e falam de sua alegria em me ter como professora. Fiquei emocionada. Agradei e perguntei se podia xerocar e guardá-la comigo. Ela me disse que

sim, desde que eu corrigisse e tirasse uma cópia para ela. Não só fiz isso como pretendo responder e levar a resposta na próxima aula.

Desde aquele dia em que reclamou da minha demora em retomar as lições que ainda faltavam e a APPE realizada logo em seguida, ela nunca mais tocou nesse assunto e tem-se mostrado bastante motivada. Faz os exercícios em casa e tem seu caderno todo organizado. Um desses dias, eu sugeri a todos que comprassem um caderno de endereços e o utilizassem para anotar o vocabulário que desejassem estudar, sempre colocando um exemplo criado por eles mesmos. Carla foi a única que fez isso.

Isso me deixou muito feliz. Fico pensando o que exatamente eu fiz ou não fiz que tem motivado esses alunos a se organizarem e estudarem mais. Abri um espaço para a reflexão: Quem sabe isso tudo não tem nada a ver comigo (que pretensão a minha!). Mas se essa é uma relação...

É justamente saber sobre a natureza dessa relação tão fascinante que me intriga e instiga a pesquisar, a estar atenta, o máximo que consigo, a tudo que acontece em sala de aula. Essa não é uma tarefa fácil, é tudo muito intenso, por vezes eu fico exausta. Sinto que dou muito de mim, mas eu queria saber o quê exatamente. Que papel eu tenho em tudo isso?

21/05/03 Plano: Continuação da Unit 9.

Presentes: Deosdato, Carla, Pedro, Raul e Wanda.

Entreguei à Carla minha resposta à carta dela (Anexo 3). Ela ficou muitíssimo feliz e senti que um bocado prosa em receber minha resposta. Os outros me pareceram enciumados. Disse que me escrevessem também que eu teria o maior prazer em responder. Raul disse que quem sabia inglês ali eram Carla e Wanda e que ele e os outros não eram tão bons assim. Ciúmes? Acho que sim.

Apesar de ciúme não ser um sentimento bom de se sentir, pelo menos eu penso assim, acho que aí ele pode ser positivo, isto é, motivar uma reação no sentido de buscar o que me agrada e o que me agrada é vê-los aprender. Quem sabe vou receber mais tentativas de escrever redações?

Logo em seguida, Carla me entregou outro texto escrito por ela (Anexo 4), dessa vez sobre seu aniversário de casamento, para eu corrigir. Essa atividade também não foi solicitada.

*Falamos de *weddings, husbands, wives, boyfriends* e *Valentine's Day* e ela aproveitou o momento e trouxe mais uma vez uma questão íntima para aquele contexto. Disse que o marido não é o parceiro com quem ela sempre sonhou, que ela desejava alguém que fosse mais romântico e fizesse poesia. Ela gosta muito de poesia. Informou-nos também que chegou a namorar um poeta, mas não gostou dele o suficiente para casar. Ela também não queria casar com o atual marido, porém, "Se eu soubesse que encontrava melhor, eu largava ele, mas fico com ele porque ele não me perturba, ele me deixa fazer o que quero". Raul comentou que nenhum casamento era um mar de rosas e Pedro disse que o dele foi um "mar de inferno" até que se separou. *Terapia grupal?**

26/05/03 Plano: Revisão para a prova + APPE**Presentes:** Deosdato, Pedro e Wanda.

Aproveitei a revisão para a prova e que uma das lições tratava de características físicas e psicológicas de pessoas ideais para fazer uma APPE (Anexo 6). Meu *puzzle* era: o que esperam de mim? Que visão de professora e do processo de ensino-aprendizagem possuem? Além dessas, também coloquei perguntas que abordassem a questão do medo ou vergonha de falar em inglês em público porque essa questão volta e meia retorna.

Levei umas perguntas para serem respondidas em sala. A princípio, não sabiam responder em inglês mesmo com o livro aberto e podendo consultá-lo para utilizar o vocabulário de descrição de pessoas. Fui ajudando e eles fizeram. A atividade serviu também como revisão para a prova, pois há nela uma questão referente a esse vocabulário.

Aos que não terminaram, pedi que respondessem e me entregassem posteriormente e que avisassem aos que não vieram que eu queria receber as respostas deles também. A idéia é que as questões provoquem novamente algum tipo de reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem e o papel deles e do professor nisso tudo.

28/05/03 Plano: Prova**Presentes:** Deosdato, Carla, George, Pedro, Raul e Wanda.

George retornou justamente no dia da prova. Não estudou nada porque foi operado de sinusite. Perguntei se queria fazer a prova em outro dia, mas ele disse que não.

Estavam todos nervosos. Ajudei alguns a entenderem melhor as questões, embora eu tenha lido a prova toda e dado exemplos para cada questão.

Carla estava toda compenetrada. Wanda mostrava ansiedade e às vezes me chamava, envergonhada, me parece, para que explicasse uma questão ou confirmasse ou não sua resposta. Eu tenho a impressão de que ela não gosta de mostrar que não sabe algo que acha que já deveria saber.

Eu de-tes-to dar prova. Acho que prova não prova nada. Fica todo mundo nervoso, inclusive eu.

2/06/03 Plano: Correção da prova.**Presentes:** Carla, Raul, Pedro e Wanda.

No cômputo geral, eles não foram nada bem. Wanda e Carla, como esperado por mim, foram melhor que os outros. O resultado da prova os deixou para baixo. Por isso eu não gosto de dar prova. O *day-after* é horrível. Detesto vê-los com carinhas desoladas.

Aproveito para dizer que podemos trabalhar em cima das dúvidas que tiveram e aprender mais com elas. Não uso a palavra erros deliberadamente. Não dou importância às notas e me empenho em mostrar o que acertaram. Sei que eles têm dificuldade para aprender inglês, mas aos poucos vejo progressos. Se estudassem mais em casa e fizessem o dever de casa talvez esse progresso fosse maior e mais rápido.

04/06/03 Plano: *Revisão de verbos + correção do WB Unit 9***Presentes:** *Deosdato, Carla, Pedro, Raul e Wanda.*

O assunto da aula de hoje foi verbos. Verbos e vocabulário constituem grandes dificuldades. Fiz uma revisão geral e criei na hora uma nova terminologia para ensinar os verbos que precisam de auxiliar e os que não precisam dele para a forma interrogativa e negativa. Os que precisam são os dependentes e os que não precisam, os independentes. Eles gostaram disso.

Trouxe livrinhos para que lessem em casa e pedi que fizessem um resuminho ou uma lista de itens. A idéia é que tentem contar a historinha em sala oralmente e produzam um textinho escrito para eu corrigir. Adoraram a idéia. Fiquei surpresa e muito feliz, porque adoro essa atividade.

Ao final da aula, Carla diz que dei uma boa aula. Pergunto por quê. Ela responde que tirei todas as suas dúvidas, explicando com calma a matéria, que estou sempre motivada e trago novidades (se referia aos livrinhos, ou às APPES?).

9/06/03 Plano: *Continuação da correção do WB Unit 9 e Unit 10.***Presentes:** *Deosdato, George, Carla, Raul e Pedro.*

Unit nova. Apresentei um novo vocabulário e escutei Carla dizer: "Quando é que eu vou aprender essa língua?"

Respondi: "Você está aprendendo".

Carla retrucou: "Aprendendo eu não sei, mas pelo menos agora eu gosto de inglês".

Perguntei: "Você não gostava antes?"

Carla disse que passou a gostar de estudar inglês comigo. Pedro e Raul disseram o mesmo. Fiquei emocionada, quase chorei. Pedi que não fizessem a teacher chorar.

Carla falou, pela primeira vez, sobre a outra professora. Disse que ela era muito "assombrosa". Perguntei como era ser "assombrosa". Ela respondeu que "ela era muito agitada, ia rápido demais". Wanda também se queixou da ex-professora ao dizer que ela não tinha paciência e parecia querer cumprir o cronograma a qualquer preço.

Fiquei feliz da vida. Ficava muitas vezes pensando o que eles poderiam estar achando de mim em comparação com a outra professora, pois me foi dito que gostavam muito dela. Comparar é meio inevitável. Sempre quis saber/sentir o que pensavam de mim. Eu me senti gostada por eles e penso que tenho feito um bom trabalho, pelo menos sei que tento e me empenho muuuuito. Será que eles sentem isso? Estarei motivando? Ensinando? Ai, espero que sim.

Será que a fala de Carla foi motivada pela reflexão provocada por aquela APPE sobre professora ideal e ensinar e aprender (Anexo 6)?

11/06/03 Plano: *Unit 10***Presentes:** *George, Carla, Pedro e Raul.*

Ao final da aula, depois que todos tinham saído e eu arrumava minhas coisas, Carla pediu para que a ajudasse a entender outra

carta que o namorado da filha escrevera para ela e seu marido. A carta falava das boas intenções do rapaz para com sua filha.

Ao final, com olhos cheios d'água, ficou me olhando e me pareceu que esperava que eu dissesse algo. Disse que ela estava fazendo o que podia ser feito: cuidando de sua filha, mas há coisas que não podia, não pode e não poderá controlar. Ela me abraçou e me deu um beijo e foi embora sem dizer nada. Fiquei com vontade de chorar e não sei explicar meu sentimento. O que é isso que eu faço aqui? Vim aqui para ensinar inglês ou o quê?

16/06/03 Plano: Unit 10

Presentes: Deosdato, George, Pedro, Carla, Raul e Wanda.

George disse que retomou seus estudos começando pelo primeiro livro (*Gateways D*). Fez uma lista do vocabulário e disse que vai estudar no ônibus, durante o percurso para o trabalho, na fila do banco, etc. Parece muito motivado.

Os outros insinuaram que sua motivação tem nome. Perguntei qual era e ele ficou envergonhado. Ouí a Carla, em conversas paralelas, insinuando que se tratava da ex-professora que estava de visita ao Rio e com quem George ia almoçar. Carla chegou a dizer que George se apaixonou por ela e ele ficou ruborizado.

Por que ninguém comentou comigo que ela estava no Rio e que iriam almoçar com ela? Será que acharam que iam me ofender? Que eu ficaria com ciúmes? De qualquer forma, eu gostei do cuidado que penso que tiveram, pelo menos é assim que sinto, com meus sentimentos.

Carla trouxe outra redação espontânea (Anexo 6). Dessa vez, a redação descreve nossa sala de aula e fala de mim de forma muito amorosa. Adorei e elogiei bastante.

23/06/03 Plano: Correção WB 10

Presentes: George, Carla, Pedro e Raul.

Cheguei na sala e eles estavam conversando sobre “homem que não acha nada em casa e fica pedindo a mulher que procure para ele”, palavras de Carla, única mulher presente. Ela acrescentou que o marido reclama de tudo e não a ajuda nunca. Falou também que o marido era muito falso. Fiquei espantada com a palavra “falso”, não resisti e perguntei: “Como assim?”.

Contou que um dia eles brigaram e ela chegou em casa do trabalho com intenção de ficarem de bem e encontrou-o conversando com os filhos, dizendo que ia embora de casa. Embora tivesse razão, ao ver o filho chorando, Carla resolveu desistir de brigar, aceitou todos os erros dele e continuou casada para não ver o filho sofrendo. “Os filhos precisam de pai”, disse ela.

Noto que ela fala de sua vida pessoal como se não houvesse ninguém ao redor.

Depois dessa sessão catártica, retomei a lição e, em seguida, Carla mencionou novamente seu prazer em estudar inglês. Será que esse prazer está relacionado com o fato de que acolho os momentos de exposição de sua intimidade?

25/06/03 Plano: Correção WB 10 + vídeo Interchange Intro

Presentes: Deosdato, Carla, Raul e Pedro.

Às vezes, penso em desistir de passar vídeo. Eles morrem de sono, apesar de não levar nem 5 minutos sendo exibido.

Solicitaram que eu trouxesse bastante exercícios escritos. Eles gostam deles e de explicações de gramática. Reclamaram que não conseguem memorizar nada com esse método audiovisual. Disse que era importante também terem contato com falantes da língua e que uma das formas era através de vídeos e fitas gravadas em inglês. Outra alternativa seria a TV a cabo, mas só Raul e Wanda a têm.

30/06/03 Plano: Exercícios escritos.

Presentes: Deosdato, George, Pedro e Wanda.

Atendendo ao seu pedido... Ficaram todos felizes e compenetrados, tentando fazer os exercícios. Eles disseram que os exercícios, que são melhores de entender do que os do livro (segundo eles também), estão fazendo com que memorizem vocabulário e os tempos verbais. Fico feliz em saber, embora tenha aprendido inglês dessa forma (fazendo bastante exercícios escritos), tento utilizar coisas "mais modernas" como vídeos, role play, etc. No entanto, com essa turma, algumas atividades simplesmente não surtem o efeito esperado. Eles custam a entender o que se espera deles, não se concentram e esquecem, o que os deixa muito frustrados.

02/07/03 Plano: Unit 11

Presentes: George, Carla e Wanda.

Comecei lição nova, o que é sempre um tormento. Eles pareciam resistentes a aprender coisas novas. Mostraram-se inquietos e com rostos tensos. Fui bem devagar. Wanda ficou um pouco impaciente. Não dá para agradar todo mundo, embora esse seja sempre o meu desejo.

07/07/03 Plano: Comemorar aniversário da Carla

Presentes: Todos, menos Wanda.

Hoje é aniversário de Carla. Ela convidou a todos por e-mail (Anexo 8) para irmos almoçar com ela e sua família e todos compareceram. Levei um livrinho de inglês para ela de presente. Ela adorou e disse que vai tentar ler, mas já achou difícil só de olhar. O livrinho é de nível 1. Disse que ficou muito feliz porque eu aceitei o convite dela.

O almoço foi muito agradável. Ela queria pagar minha conta, mas não deixei. Disse que eu queria compartilhar mais esse momento prazeroso com ela.

A filha dela parece bem esperta. Sabe falar inglês bem. O marido é simpático e o filho também.

09/07/03 Plano: Unit 11

Presentes: Carla, Pedro e Raul.

Hoje Carla deu uma de professora para o Pedro. Esta lição trouxe muito vocabulário novo. Ela consultou seu caderninho a toda hora e

me perguntou se eu me opunha porque a outra professora não gostava que olhasse no dicionário. Disse que não tenho problema nenhum com o dicionário, só achava que ela deveria tentar entender o significado da palavra pelo contexto primeiro. Caso fosse totalmente impossível, então apelasse para o dicionário ou seus escritos. Ela ficou feliz e disse que é assim mesmo que faz.

Carla tem um carinho especial pelo Pedro. Às vezes fala com ele parecendo criancinha e ele também a trata com muito carinho. Ela o ajuda muito a entender os exercícios e matérias estudados em aula.

14/07/03 Plano: Cont. da Unit 11

Presentes: George, Carla, Pedro, Raul e Wanda.

Pareceu-me que andaram conversando antes da minha entrada na sala, porque quando entrei foram logo me pedindo que recomeçasse a lição 11. Atendi ao pedido. Não tenho nenhum problema em repetir quantas vezes for necessário. Gosto quando vejo que aprenderam mesmo, só então sinto que ensinei.

Em um determinado momento falávamos de infância e eu perguntei se alguém tinha foto de quando era criança que quisesse trazer para conversarmos sobre o passado (estamos estudando passado de outros verbos, além do *To be*).

Imediatamente Raul tirou uma foto de dentro da carteira e disse que já tinha a sua para mostrar e falar sobre ela. Quando peguei a foto, custei a perceber que se tratava de uma foto-montagem. Era uma foto de um bebê com um enorme pênis. Quando percebi, fiquei surpresa e acho que mostrei haver ficado chocada, pois devo ter mudado minha expressão facial. Senti que enrubesci.

Eles todos riram muito. Já conheciam a foto. Fiquei tão constrangida que devolvi a foto sem falar nada. Raul, sentindo meu constrangimento, levantou-se, me abraçou e disse "Sorry, teacher". Eu respondi que estava tudo bem, só que de fato não estava esperando aquela situação e, por isso, não sabia o que dizer. Acho que ele então sentiu que tinha se excedido e ficou sério o resto da aula. Não é de seu feitio fazer piadas pesadas.

Vejo nessa atitude um pouco de exibição "machista" e uma tentativa de intimidade comigo, mas não acredito que tivesse a intenção de me chocar, como de fato o fez. A meu ver, ele queria fazer uma piada (ele vive fazendo graça e contando piadas) e talvez também não esperasse que eu reagisse daquele jeito. Em geral, rio das piadas que ele faz, mas essa... Sinceramente, não gostei. Agora fico pensando como talvez eu devesse ter reagido, mas é que na hora não deu para ser diferente. Reagi como sou, não gosto desse tipo tão "íntimo" de intimidade.

21/07/03 Plano: Exercícios escritos e orais (*role play*) sobre Unit 11

Presentes: Carla, George, Pedro, Raul e Wanda.

Role play é uma atividade que eles gostam e não é complicada para entenderem. Eu também gosto, é sempre muito divertido. Eles são muito criativos e engraçadíssimos. Por vezes, "apelam" para

brincadeiras picantes e tento restituir a ordem de forma bem amena para não ficarem constrangidos.

28/07/03 Plano: Correção WB Unit 11

Presentes: George, Carla, Raul, Pedro e Wanda

Carla conta que foi à empresa no domingo à noite só para pegar seu livro que havia deixado lá na sexta-feira e fazer os exercícios que seriam corrigidos hoje. De fato, ela e Wanda são as que mais fazem exercícios em casa. Raul e Pedro têm feito também, na maioria das vezes. Carla foi buscar os livros porque temia a “maldição da professora”.

Na última aula, eu tinha brincado com eles que, se não fizessem os exercícios em casa, cairia sobre eles a “maldição da professora”. Essa maldição consiste em que o mundo todo falará somente inglês e não haveria ninguém para traduzir para eles. Eles ficaram apavorados com a idéia de isolamento lingüístico. Juraram que fariam os exercícios e de fato fizeram.

30/07/03 Plano: Cont. Unit 12

Presentes: George, Carla, Pedro e Raul

Hoje Carla voltou a trazer a pergunta que não quer calar, a saber, quando é que terminamos o livro? No final do ano? Respondi que seria antes disso, pois só faltavam 4 lições e estávamos progredindo em termos de aproveitamento do curso. Então ela respondeu que “só queria saber. Agora estou mais tranqüila porque o ‘outro’ não está mais me amolando”. Perguntei que outro, embora imaginasse que se tratava do “futuro genro”. Ela respondeu: “Enquanto ele não me chateia, eu não tenho pressa para aprender inglês”.

É muito curioso o que motiva as pessoas a aprenderem seja o que for. Carla já vinha estudando inglês antes da filha conhecer esse rapaz pela internet. Não era apenas isso que a motivava, mas falo em termos de motivação para aprender rápido ou continuar a aprender.

04/08/03 Plano: Cont. Unit 12 + atividade oral extra

Presentes: George, Carla e Pedro

Hoje, precisei sair mais cedo porque ia levar minha mãe ao médico. Quando comuniquéi isso todos ficaram muito preocupados. Quiseram saber o que ela tinha, etc. Expliquei que não acreditava que fosse nada grave, mas ela tinha se sentido fraca e tonta e aí eu havia ficado preocupada e queria que o médico a visse. Sentí uma preocupação genuína por parte deles com a saúde de minha mãe e me senti confortada.

Tenho um carinho enorme por essa turma e estou com o coração apertado por ter de deixá-los. As duas principais razões para isso são: não estou satisfeita com a nova coordenação e mais importante, preciso de mais tempo para estudar. Não significa dizer que eu não esteja estudando ou escrevendo minha tese, mas tenho trabalhado muito (porque preciso em todos os sentidos, financeiros e psicológicos, ou seja, sinto um enorme prazer no que faço - ensinar, traduzir,

revisar, tudo que lida com a língua materna ou estrangeira), mas me sento muito cansada.

06/08/03 Plano: Corrigir WB 12

Presentes: George, Carla e Pedro

Corrigir esses exercícios do WB sempre foi muito penoso para eles, pois erram muito e se sentem desmotivados. Minha estratégia para diminuir esse sentimento tem sido ir bem devagar, parar para explicar tudo pela milionésima vez, mesmo que seja algo que tenha a ver com a lição 1.

Ao final da correção, Carla disse o seguinte: “Agora sim eu entendi isso. Poxa, agora eu entendi porque você explicou. Você é professora mesmo, tem a maior paciência para ensinar os menos inteligentes como eu. Aliás, você é a única professora que quer mesmo que a gente aprenda”.

Fiquei estupefata. Tudo que consegui responder foi: “Carla, você vai me fazer chorar”. E meus olhos ficaram cheios d’água. Contive minha emoção, mas eles viram e vieram os três me abraçar. Que momento incrível. Era simplesmente tudo que eu queria ouvir e saber. O que eu estava dando para eles? Até que ponto eu estava ensinando? E o quê? O que estava fazendo ali? Que relação é essa? Acho que começo a entender, mas não consigo ainda colocar em palavras, aliás, faltam palavras.

11/08/03 Plano: Cont. correção WB 12

Presentes: George, Carla e Wanda

Não tenho escrito sobre isso aqui, mas muitas vezes sinto uma certa competição entre Wanda e Carla para mostrar quem é melhor. Todos pensam que Wanda é a melhor, inclusive a Carla já expressou isso. Em geral, de sua vida pessoal, Wanda só fala sobre o filho, por quem tem verdadeira paixão. Porém, hoje, ela me perguntou o que significava *dressed to kill*. Traduzo e explico o sentido (muito bem vestida, arrumada). Ela mostra satisfação ao ouvir isso e conta que ficou enfurecida quando ouviu isso no jantar de trabalho que tinha ido na noite anterior. Perguntei por que e ela disse que ouviu essa frase de um alto funcionário da empresa que estava presente ao jantar. Apesar de não saber o significado, senti que era um tipo de “galanteio”. Percebi que ela gostou, mas não desejava admitir isso.

Aproveitei e pedi que descrevesse a roupa que vestia (ótima oportunidade de revisão de nome de roupas e cores). Estou cada vez mais “exploratória” e a-do-ran-do isso!! É que uma vez iniciado o processo... Ela descreveu a roupa que usava muito bem por sinal. E entre uma descrição e outra ficou repetindo, com um sorriso no canto da boca, que estava indignada com o comentário. Eu reiterei então que era um elogio e perguntei se ela não gostava de elogios. Ela respondeu que gostava, mas ela achava que tinha algo por trás daquele elogio (desejo dela talvez de que o tal homem estivesse interessado nela).

Ao final da aula, Wanda me perguntou qual era o batom que eu estava usando e se eu me importava que ela tivesse um igual. Respondi: “Claro que não me importo”. É verdade.

13/08/03 Plano: *Unit 13*

Presentes: George, Carla, Pedro, Raul e Wanda

Hoje, Pedro disse que eu “plantei uma sementinha nele”. Perguntei o que brotaria dessa sementinha e ele respondeu: “Minha vontade de aprender inglês”. Quase tive uma síncope. Falei que ele, ao mostrar seu entusiasmo com a aprendizagem do idioma que ensino, tinha me feito sentir professora mesmo, de verdade. Ele retrucou: “Oh, teacher, e você tinha dúvidas?” Apenas sorri e não respondi, mas eu tinha sim, e muitas.

18/08/03 Plano: *Unit 13*

Presentes: George, Pedro, Raul e Wanda

Wanda ficou impaciente com George porque ele não havia feito os exercícios, não prestava atenção a aula e, por isso, perguntava coisas que já tinham sido vistas e respondidas em outras aulas. George ficou sem graça e, por um momento, eu não soube o que fazer, pois também me sinto um pouco como ela. Sinto que ele está sempre longe e com sono e, talvez, para mostrar algum interesse, faz perguntas de vez em quando, mas as perguntas são sempre relacionadas a lições anteriores. Sempre respondo e às vezes isso toma um pouco do tempo e quebra o ritmo da aula.

20/08/03 Plano: *Correção WB Unit 12*

Presentes: George, Pedro, Raul e Wanda

Notei a ausência de Carla há duas aulas. Ela não costuma faltar. Perguntei por ela, mas, como sempre, ninguém sabe. A ausência de qualquer um me incomoda. Fico logo pensando se desistiu.

25/08/03 Plano: *Terminar correção WB Unit 12*

Presentes: George, Carla, Pedro, Raul e Wanda

Carla chegou atrasada. Falei que sentimos a falta dela. Ela explicou que faltou porque teve um problema dentário e teve de ir ao dentista com urgência. Percebo um certo contentamento pelo fato de terem sentido sua ausência.

Aproveito que estavam todos presentes para falar que estou pensando em deixar o Projeto, porque estou muito atrapalhada com minha tese de doutorado. Senti olhares preocupados e tristes (será meu desejo de que fiquem tristes com a minha possível saída?). Falei do investimento que dar aula exige que se faça e que, nesse momento, eu precisava me dedicar mais à tese.

Ficaram quietos por alguns minutos que para mim foram intermináveis. Garanti que terminaríamos o livro/módulo antes de eu ir embora e eles me pediram que fosse eu a dar e corrigir a prova final. Concordei e retomei dizendo que falaríamos mais sobre isso

depois (quero um tempo também para assimilar a idéia de que estou mesmo saindo e tenho de enfrentar isso).

27/08/03 Plano: Unit 13

Presentes: George, Carla, Pedro, Raul e Wanda

Carla estava ausente hoje, embora presente. Estava super quieta, em geral não é assim. Enquanto eu explicava o que íamos estudar naquela lição, ela folheava o livro e lia outros papéis. Sentí-me péssima. Não tive coragem de chamar sua atenção. Por quê? Por que ela mexe tanto comigo? Acho que o faz mais que os outros. Quero agradar a todos, mas ela eu percebo que tenho um empenho maior em seduzir. Seduzir é a palavra, quero agradar, quero satisfazer desejos. Ver que estão felizes. Preciso pensar sobre isso.

Sua atitude me perturbou e não tive coragem de parar a aula e falar sobre isso. Fiquei pensando se ela estaria zangada comigo por algum motivo. Quem sabe a velha questão sobre o término do livro. Ou seria minha saída do curso? Decidi então fazer perguntas utilizando a matéria da lição, que não era de todo nova para eles, e ela respondeu corretamente. Perguntei se já havia estudado a lição em casa e ela respondeu que sim e que eu já havia repetido aquela matéria 500 vezes. Então me pareceu que era isso que estava provocando seu comportamento alheio. Por um lado, isso me parece bom, porque pode querer dizer que ela percebeu que pode aprender em outros lugares, em casa, por exemplo, e sozinha!

Raul disse que ele não aprendeu ainda porque das 500 vezes que eu falei, ele só ouviu 499. Espetada nela? Acho que sim. Ultimamente, tenho percebido que Carla e Wanda andam impacientes com os homens porque acham que eles deveriam estudar mais, como elas fazem.

Ao final da aula, Raul e Pedro permaneceram em sala e disseram que continuariam lá para fazerem os deveres de casa juntos. Fiquei felicíssima.

01/09/03 Plano: Continuação Unit 13

Presentes: Todos

Aproveito novamente a presença de todos para informar, agora em caráter definitivo, que estou deixando o Projeto e que outra professora me substituirá. Eles se mostraram tristes, mas compreensivos. Disseram que entendem meu momento e lamentam muito ficar sem a teacher deles. Esse sentimento de posse é algo que eu gosto muito, me faz sentir que temos uma relação afetiva de cumplicidade e amor.

Pedro é o que mais me toca com sua "carência" de mim. Ele pediu para eu prometer que voltaria um dia. Quase chorei. Ando super mexida com essa estória de sair do Projeto, não pelo Projeto, mas por eles, sem dúvida alguma. Gosto demais dessa turma. Quero vê-los progredir. Já falei com a nova professora, Denise, que me parece uma pessoa com preocupações semelhantes às minhas, ou seja, cuidado e respeito com seres-humanos-alunos.

Disse a eles que a nova professora era uma pessoa muito parecida comigo no jeito de ser e que eu tinha certeza que eles iriam adorar. Ficaram me olhando com umas "carinhas" de crianças abandonadas pela mãe. Eu fiquei péssima e continuo me sentindo assim.

3/09/03 Plano: Correção WB Unit 13

Presentes: Todos

Carla voltou a repetir que eu sou a única professora que de fato quer que eles aprendam. Raul e Pedro concordaram e complementaram dizendo que sentem que eu me dedico, sou entusiasmada, tenho paciência e mostro que gosto do que faço. Sem falsa modéstia, é verdade. Ai como é bom ouvir isso!

8/09/03 Plano: Unit 14

Presentes: George, Carla, Pedro e Wanda.

Carla trouxe uma redação espontânea sobre amizade (Anexo 10). Fiquei sem palavras novamente. Não posso deixar de ler suas mensagens veladas. Quando recuperei o fôlego, disse que amizades podem ser eternas e que nenhuma distância separa amigos. Ela sorriu. Acho que ela entendeu minha mensagem. Espero que os outros também.

10/09/03 Plano: Unit 14

Presentes: George, Carla, Pedro e Wanda.

Carla me perguntou se eu iria lá no Natal. Perguntei por que e ela disse que está escrevendo uma poesia em inglês e gostaria de me dar. Fiquei encantada e disse isso a ela. Disse que tentaria ir sim.

17/09/03 Plano: Continuação da Unit 14

Presentes: Todos

Cheguei atrasada e Denise estava dando aula. Eu consegui falar com ela no celular e pedi que fosse me substituir. Eles pareciam alegres e que estavam participando da aula quando cheguei, mas ficaram felizes em me ver, principalmente Carla. Fiquei com a sensação de que ela não gostou da Denise. Tomara que eu esteja enganada.

Disse a eles que era essa a professora que eu queria ver em meu lugar. Disse que gostava muito dela e confiava muito nela e em seu trabalho. Falei de uma forma bem carinhosa sobre a Denise, o que não foi nada difícil porque de fato gosto do jeito dela.

22/09/03 Plano: Correção da Unit 14

Presentes: Todos

Wanda é o porta-voz da turma e me pede novamente que eu aplique a prova que falta para eles fazerem antes de eu deixar o Projeto. Eles não querem fazer prova com a professora nova. Perguntei por que e disseram que não era nada pessoal, só que não queriam fazer com outra pessoa. Disse não ter problema algum, pois na prova só cairia até a lição 14 e poderíamos fazer uma revisão naquele

momento com a correção dos exercícios da Unit 14, como, aliás, sempre fazemos. Concordaram felizes da vida.

Isso vai me dar muito trabalho porque terei de preparar a prova para a próxima aula, mas não quero deixar de realizar esse último (??) desejo deles e não sei bem por que, mas gostei do pedido.

24/09/03 Plano: Prova

Presentes: Todos

Como sempre, estavam muito apreensivos. Ficaram muito compenetrados, tentando responder tudo com cuidado, pensando sobre o que estavam fazendo.

Já corrigi a prova. Foram todos muito bem. Estou felicíssima.

Quem devolverá as notas é a Denise. Pedi a ela que corrigisse a prova em sala e explicasse as dúvidas deles com bastante calma. Denise concordou. Acho que vai dar tudo certo com eles. Eles vão se entender bem e Denise continuará o trabalho que comecei. Eu queria que fosse ela, pois é muito afetiva e gosta do que faz, como eu.

Sobretudo, estou mais confiante no fato de que “plantei [a tal] sementinha”, agora é só esperar para ver germinar.

Anexos

Anexo 1 – Let it Be

The Beatles

Composto por : John Lennon e Paul McCartney

When I find myself in times of trouble
 Mother Mary comes to me
 Speaking words of wisdom, let it be.
 And in my hour of darkness
 She is standing right in front of me
 Speaking words of wisdom, let it be.
 Let it be, let it be.
 Let it be, let it be.
 Whisper words of wisdom, let it be.
 And when the broken hearted people
 Living in the world agree,
 There will be an answer, let it be.
 For though they may be parted there is
 Still a chance that they will see
 There will be an answer, let it be.
 Let it be, let it be.
 Let it be, let it be.
 There will be an answer, let it be.
 Let it be, let it be.
 Let it be, let it be.
 Whisper words of wisdom, let it be.
 Let it be, let it be.
 Let it be, let it be.
 Whisper words of wisdom, let it be.

And when the night is cloudy,
 There is still a light that shines on me.
 Shine on 'til tomorrow, let it be.
 I wake up to the sound of music
 Mother Mary comes to me
 Speaking words of wisdom, let it be.
 Let it be, let it be.
 Let it be, yeah let it be.
 There will be an answer, let it be.
 Let it be, let it be.
 Let it be, yeah let it be.
 Whisper words of wisdom, let it be.

Anexo 2 - Transcrição da carta de Carla

Rio de Janeiro, May 19th 2003

Dear Lourdes,

I'm very happy for have you as my English teacher, for your tenderness and devotion by teaching us the English.

After all my hardness of learning English I feel that I'm always learning a little bit more.

Thank you a lot.

XXX

Carla

Tradução

Foram aproveitadas as palavras traduzidas da aluna.

Rio de Janeiro, 19 de maio de 2003.

Querida Lourdes,

Estou muito feliz por tê-la como minha professora de inglês, por seu carinho e devoção ao nos ensinar o inglês.

Apesar de toda a minha dificuldade em aprender inglês, sinto que estou sempre aprendendo um pouco mais.

Muito obrigada.

xxx

Carla

Anexo 3 - Transcrição da minha resposta à carta de Carla.

Rio de Janeiro, May 21st, 2003.

My Dear Carla,

Thank you so much for your letter.

I must confess I am speechless. Your words touched my heart very deeply.

Your are a very good student. You work hard and are learning a lot.

Congratulations!

Love, Lourdes

Tradução da minha resposta à carta de Carla

Rio de Janeiro, 21 de maio de 2003.

Querida Carla,

Muito obrigada por sua carta. Devo confessar que fiquei sem palavras.

Suas palavras tocaram fundo em meu coração.

Você é uma ótima aluna. Você se empenha muito e está aprendendo muito.

Parabéns!

Love,
Lourdes

Anexo 4 - Transcrição da redação de Carla

My wedding anniversary

Tomorrow, day June 5th is my wedding anniversary. I celebrate twenty one years. This's a spacial date for me and my rusband. To celebrate we are going to have dinner in the churrascaria Macanudo.

Congratulations to us.

City – Rio de Janeiro

Date – June 4th 2003

Name – Carla

Tradução da redação de Carla.

Meu aniversário de casamento

Amanhã, dia 5 de junho é meu aniversário de casamento. Eu celebro vinte e um anos. Essa é uma data especial para mim e meu marido. Para celebrar nós vamos jantar na churrascaria Macanudo.

Parabéns para nós!

Cidade: Rio de Janeiro

Data: 4 de junho de 2003

Nome: Carla

Anexo 5 - APPEPSA

Por que tenho medo de falar inglês?

Por que fico envergonhada quando falo inglês?

Por que penso que não sei falar inglês?

O que fazer para melhorar meu inglês?

Como aprendo inglês?

Onde aprendo inglês?

Transcrição das respostas de Deosdato – 25/06/03

1. because I forget easily.
2. because, I don't speaking good English.
3. because, I don't know English.
4. Only if I was born in England.
I would have to be born in England.
I can study more.
5. Practicing end studying.
6. In English course.

Tradução das respostas

1. porque esqueço com facilidade.
2. porque não falo bom inglês.
3. porque não sei inglês.
4. Só se eu nascer na Inglaterra.
Teria de nascer na Inglaterra.
Posso estudar mais.
5. Praticando fim [e] estudando
6. No curso de inglês.

Transcrição das respostas de Pedro

1. Because I not know.
2. Because I have to study more.
3. Because I don't understand.
4. I neet living in the USA.

5. In English course.
6. Listening music.

Tradução das respostas

1. porque não sei.
2. porque tenho de estudar mais.
3. porque não entendo.
4. Eu precisava viver nos EUA.
5. No curso de inglês.
6. Ouvindo música.

Transcrição das respostas de Carla - 26/06/03

1. Because I don't know to speak a lot well.
2. Because I have afraid to speak make mistakes.
3. Because I think I don't learned English sufficient.
4. I have to learn a lot of.
5. I learn Wnglish lead and to repite a lot the text in English.
6. Where I make the exicise the homework.

Tradução das respostas

1. Porque não sei falar muito bem
2. Porque tenho medo de falar cometer erros.
3. Porque eu acho que não aprendi inglês suficiente.
4. Tenho de aprender muito.
5. Aprendo inglês lendo e repetindo muito o texto em inglês.
6. Onde faço o exercício o dever de casa.

Transcrição das respostas de Wanda

1. Because I forget easily.
2. Because I don't pronounce it correctly.
3. Because of my frequent mistakes.
or Because I make a lot of mistakes.
4. I can study more.
Arrange time to study more.
5. Studying.
6. In english course.

Tradução das respostas

1. Porque esqueço com facilidade.
2. Porque não pronuncio corretamente.
3. Por causa dos meus erros freqüentes ou porque cometo muitos erros.
4. Posso estudar mais.
5. Estudando.
6. No curso de inglês.

Anexo 6 - Transcrição da resposta de Deosdato

The ideal teacher of me has that to be patient with my proper limitations, has that to be pretty, likeable and intelligent and mainly not to give up to teach to me.

Transcrição da tradução feita pelo aluno de sua frase em inglês.

A professora ideal para mim tem que ser paciente com as minhas próprias limitações, tem que ser bonita, simpática e inteligente e principalmente não desistir de me ensinar.

Tradução da resposta do Raul

Enviado por e-mail em 5 de junho de 2003.

Oi, professora, surpresa!

Um – descreva a professora ideal:

Ela é inteligente, mais ou menos alta, cabelo louro ou escuro, de porte médio e elegante. Minha preferência é cabelo longo.

Gosto de mulheres sexies e envergonhadas. Amo olhos pretos. São lindos.

Ok?

Transcrição da resposta da Wanda

My ideal teacher is intelligent, friendly, fun to be with and tall, slim, long hair.

Tradução da resposta

Minha professora ideal é inteligente, amigável, divertida de se estar com ela e alta, magra e tem cabelo comprido.

Transcrição da resposta de Carla - 04/06/03

All professional should to be ability. As, ideal teacher is this is ability. He should ser honest, ambitious, friendly and very intelligent. He should knows language English.

Tradução da resposta

Todos os profissionais é competente. Como, professora ideal é essa a competência. Ele deve ser honesto, ambicioso, amigável e muito inteligente. Ele deve saber a língua inglesa.

Anexo 7 - Transcrição da redação de Carla

My class room

My class room is very comfortable e light. The desks and chairs are beautiful. This comfortable and beautiful stay more beautiful when there is English class. My classmate is very nice and my teacher is friendly.

We live moment happy this class room.

Rio 15/06/03

Carla

Tradução da redação

Minha sala de aula

Minha sala de aula é muito confortável e clara. As carteiras e cadeiras são bonitas. Essa confortável e bonita fica mais bonita quando há aula de inglês. Minha colega é muito legal e minha professora é muito amigável. Vivemos momentos felizes nesta sala.

Rio, 15/06/03

Carla

Anexo 8 - Tradução de minha resposta ao e-mail enviado a mim por Carla em 4 de julho de 2003

Querida Carla,

Muito obrigada por seu convite. Estou muito feliz por informar que estarei lá para celebrar seu aniversário com você. Também estou muito feliz com sua sugestão para praticarmos inglês durante o almoço.

Vejo você na segunda-feira.

xxx

Lourdes

Resposta de Carla em 7 de julho de 2003

Lourdes,

Muito obrigada. Fiquei muito feliz quando li sua mensagem.

Vejo você mais tarde.

xxx

Carla

Anexo 9

Fotos de gatos

Anexo 10 - Transcrição da redação de Carla

Friendlyship day

Friendlyship is a feeling that there just between in the people. This feeling, generally, there between friends.

Hail! the friendship day.

feeling – sentimento

Hail = salve

Carla

08/09/03

Tradução da redação de Carla em 08/09/03

Dia da amizade

A amizade é um sentimento que há entre duas pessoas. Esse sentimento, geralmente, existe entre amigos.

Salve! O dia da amizade.

feeling = sentimento

Hail = salve

Carla

08/09/03

Anexo 11**APPEPSA 1**

LEARNING [aprender]

Students [estudante] write [escrever] answer [resposta] class [sala de aula] read [ler] board [quadro] lesson [lição] wrong [errado]

notebook [caderno] Teacher [professora] word [palavra] pen [caneta] pencil [lapis] books [livros] Homework [dever de casa]

School [escola] eraser [borracha] exercise [exercício] question [questão]

- in the classroom [na sala de aula]
- in the school [na escola]
- in work [no trabalho]
- at home [em casa]
- in the bus [no ônibus]
- in the library [na biblioteca]
- computer [no computador]
- other students [outros estudantes]